

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIDADE DE ENSINO SUPERIOR DOM BOSCO – UNDB  
CURSO DE DIREITO

**LARA MARIA ALMEIDA FERREIRA**

**'YANKEE' E 'BOSZOKU':** uma análise do fenômeno da delinquência juvenil nos mangás  
japoneses à luz da teoria da criminologia crítica

São Luís

2024

**LARA MARIA ALMEIDA FERREIRA**

**'YANKEE' E 'BOSOZOKU':** uma análise do fenômeno da delinquência juvenil nos mangás japoneses à luz da teoria da criminologia crítica

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Direito do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela em Direito.

Orientador: Prof. Dr. Arnaldo Vieira Sousa

São Luís

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Centro Universitário – UNDB / Biblioteca

Ferreira, Lara Maria Almeida

‘Yankee e ‘Bosozoku’: uma análise do fenômeno da delinquência juvenil nos mangás japoneses à luz da teoria da criminologia crítica. / Lara Maria Almeida Ferreira. \_\_ São Luís, 2024.  
74 f.

Orientador: Prof. Dr. Arnaldo Vieira Sousa.  
Monografia (Graduação em Direito) - Curso de Direito – Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco – UNDB, 2024.

1. Mangás. 2. Criminologia crítica. 3. Delinquente. 4. Gangues urbanas. 5. Japão. I. Título

CDU 343.91-053.6(52)

**LARA MARIA ALMEIDA FERREIRA**

**'YANKEE' E 'BOSOZOKU': uma análise do fenômeno da delinquência juvenil nos mangás japoneses à luz da teoria da criminologia crítica**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Direito do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela em Direito.

Aprovada em: 19/06/2024

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Arnaldo Vieira Sousa (Orientador)**

Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco – UNDB

---

**Profa. Ma. Kamylla Rodrigues Pereira da Silva**

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

---

**Profa. Ma. Gláucia Maria Maranhão Pinto Lima**

Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco – UNDB

Aos meus pais  
e a minha irmã.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente e de forma muito imensa aos meus pais, Antônio Carlos e Elcilene Soares, por sempre terem se sacrificado em prol do meu desenvolvimento pessoal, assim como pela minha saúde, pela minha educação, pelo meu lazer e pela felicidade. Apesar das inúmeras dificuldades, sempre se colocaram em segundo plano por minha conta, mas tudo em razão do meu desenvolvimento, sendo a maior prova de amor que existe deles na minha vida.

Agradeço também a minha irmã, Alana Almeida, por sempre estar presente comigo, nas alegrias e nas tristezas, principalmente nas dificuldades e que sempre fez seu melhor por mim e sempre tentou se superar cada vez mais.

Também agradeço, imensamente, ao meu orientador prof. Arnaldo Vieira Sousa, pela paciência, pelo cuidado e por ter aceitado a árdua tarefa de orientar este esse complexo trabalho.

Agradeço também a todo o corpo docente do curso de Direito, que essencialmente contribuíram para minha formação jurídica e enquanto bacharel em Direito e pelos valiosos ensinamentos de vida.

Agradeço também ao restante da comunidade da UNDB, dentre amigos, colegas de sala, funcionários e tantas outras pessoas que deixaram sua marca em algum momento e que contribuíram para essa vivência de cinco anos e para minha formação.

“*Comics* são uma linguagem internacional, eles podem cruzar limites e gerações. Os quadrinhos são uma ponte entre todas as culturas.”

Osamu Tezuka

## RESUMO

Os mangás constituem-se como um produto cultural pop da atualidade, com histórico bastante antigo e oriundo do Japão. Esses produtos podem ser considerados como uma fonte para pesquisa científica. O presente trabalho tem como objetivo analisar o aspecto cultural do mangá, sua historicidade e sua influência sociocultural. Não somente isto, mas também investigar as gangues de *bosozoku* e jovens *yankees*, grupos urbanos do Japão, seus surgimentos, as transformações ocorridas socialmente e seus impactos na cultura. A análise foi feita sob a ótica da criminologia crítica ou teoria crítica da criminologia, através das narrativas ficcionais dos mangás com a temática da delinquência juvenil, que retratem esses grupos marginalizados e como se dá a compreensão social do delito a estas gangues. Para tal, foram escolhidos quatro mangás distintos para a análise: “Yu Yu Hakusho”, “Bakuon Rettou”, “Crows” e “Hot Road”. Elencou-se a pesquisa descritiva para o trabalho, a pesquisa exploratória e a pesquisa bibliográfica, como metodologia utilizada.

**Palavras-chave:** Mangás; Criminologia crítica; Delinquente; Gangues urbanas; Japão.

## ABSTRACT

Manga is a pop cultural product from nowadays, with a long history and beginning in Japan. These products can be considered a source for scientific research. This paper aims to analyze the cultural aspect of manga, its historicity and its socio-cultural influence. Not only that, but it also investigates bosozoku gangs and young Yankees, urban groups in Japan, their emergence, the social transformations that have taken place and their impact on culture. The analysis was made from the perspective of critical criminology or critical criminological theory, through the fictional narratives of manga with the theme of juvenile delinquency, which portray these marginalized groups and how the social understanding of crime is given to these gangs. To that, four different manga were chosen for analysis: "Yu Yu Hakusho", "Bakuon Rettou", "Crows" and "Hot Road". The methodology used was descriptive research, exploratory research and bibliographical research.

**Keywords:** Mangas; Critical criminology; Delinquent; Street gang; Japan.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – "A grande onda", de Katsushika Hokusai .....	24
Figura 2 – Pannel do Astro Boy .....	26
Figura 3 – Capa original do primeiro volume do mangá "Yuu☆Yuu☆Hakusho" .....	53
Figura 4 – Colegas da escola falam dos boatos sobre Yusuke Urameshi.....	54
Figura 5 – Professor do Yusuke o repreende e ameaça .....	55
Figura 6 – Professor chantageia Okubo e amigos .....	56
Figura 7 – Kuwabara consegue passar no teste .....	57
Figura 8 – Capa original do primeiro volume do mangá "Bakuon Rettou" .....	58
Figura 9 – Professor e mãe de Takashi falam sobre possíveis más influências .....	59
Figura 10 – Takashi conhece a gangue “ZEROS” pela primeira vez.....	60
Figura 11 – Takashi reflete sobre incertezas .....	61
Figura 12 – Takashi traduz a representação do grupo a sociedade .....	62
Figura 13 – Capa original do primeiro volume do mangá "Crows" .....	63
Figura 14 – Yasuda explicando a rivalidade entre os grupos .....	64
Figura 15 – Bouya reflete em preferir ser um corvo a ser um pássaro engaiolado .....	65
Figura 16 – Capa original do primeiro volume do mangá "Hot Road" .....	66
Figura 17 – Kazuki é rejeitada pela mãe .....	67
Figura 18 – Kazuki reflete sobre não ter sido mal julgada.....	68

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 – Gráfico do mercado brasileiro de mangás (2001 a 2023) .....	30
Gráfico 2 – Estreias de mangás no Brasil (2017-2023).....	31

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Classificação das Escolas Criminológicas por níveis .....	39
--	----

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>2</b>	<b>O FENÔMENO DELINQUENTE E SUAS REPLICAÇÕES NOS MANGÁS JAPONESES</b> .....	17
<b>2.1</b>	<b>A subcultura urbana do <i>bosozoku</i> nas metrópoles japonesas</b> .....	17
2.1.1	Do pós-guerra a violência urbana: Antecedentes do fenômeno .....	17
2.1.2	Vulnerabilidade social e aderência juvenil a onda delinquente .....	19
2.1.3	As gangues urbanas e suas implicações sociais .....	20
<b>2.2</b>	<b>O mangá enquanto cultura</b> .....	22
2.2.1	Historicidade do mangá .....	23
2.2.2	A influência sociocultural dos mangás .....	26
2.2.3	A relação entre o direito e cultura pop .....	31
<b>3</b>	<b>CRIMINOLOGIA E TEORIA CRÍTICA DA CRIMINOLOGIA</b> .....	33
<b>3.1</b>	<b>Objeto da criminologia: Do delito ao controle social</b> .....	33
<b>3.2</b>	<b>O modelo defasado da criminologia clássica</b> .....	35
<b>3.3</b>	<b>Os enfoques das criminologias do controle social</b> .....	38
3.3.1	O estabelecimento da criminologia crítica .....	40
3.3.2	A criminologia crítica como pós-moderno na atualidade .....	43
<b>4</b>	<b>O FENÔMENO DO CONTROLE SOCIAL DOS YANKEES A LUZ DA TEORIA CRÍTICA DA CRIMINOLOGIA NOS MANGÁS JAPONESES</b> .....	47
<b>4.1</b>	<b>O controle social dos <i>yankees</i> no Japão</b> .....	47
4.1.1	A sociedade japonesa .....	48
4.1.2	Desigualdade social e controle social .....	49
<b>4.2</b>	<b>Os mangás japoneses com temática <i>yankee</i> e <i>bosozoku</i></b> .....	51
4.2.1	Análise das histórias de fundo sob ótica criminológica crítica .....	52
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	70
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	71

## 1 INTRODUÇÃO

No mundo, a cultura de massa, também denominada como cultura pop, desenvolveu-se de distintas formas, ramificou-se e produziu, assim como têm produzido incontáveis produtos todos os anos, em distintas regiões do mundo, nas diferentes formas e resultados. Como destaque crescente de visibilidade nas últimas décadas até a presente atualidade, encontram-se as obras dentro do espectro da arte sequencial. Termo cunhado como Will Eisner (2010 *apud* Lima; Flores; de Azevedo, 2015, p. 29), é a forma de arte que denota as histórias em quadrinhos, também nomeadas como HQ's.

Nesse ínterim da arte sequencial, encontram-se os mangás japoneses. Os mangás constituem, em sua configuração, um longo histórico dentro do Japão até sua institucionalização cultural e mercantil de fato na presente atualidade. Mangá, conforme Koyama-Richard (2022), é o termo que foi usado primeiramente por Katsushika Hokusai, o qual define uma "coletânea de desenhos para o aprendizado de pintura". Originalmente, a palavra não era sinônimo de caricatura e nem de história em quadrinhos. Todavia, no século XX, ela perpassou por mudanças e alterações, até alcançar o produto final e a conceituação como se compreende na atualidade.

No interior dessa específica forma de arte sequencial, derivam-se inúmeras obras, em distintos gêneros e sub-gêneros, separando-se em categorias, denominadas como demografias. O fenômeno do tema da delinquência juvenil, costumeiramente sendo utilizado termos como “*yankee*” e “delinquente” pelos autores nos mangás, é uma recorrente em diversos mangás, perpassando por demografias e gêneros distintos, seja na construção de uma ou mais personagens na obra com o arquétipo e estereótipo delinquente juvenil, frequentemente adolescente. Ou seja, também no cerne da história da obra em si.

Em oposição a sociedade japonesa, tanto em termos de normas sociais quanto normas jurídicas e econômicas, o arquétipo delinquente juvenil destaca-se por ser àquela figura transgressora de tais normas e etiquetas sociais, perpassando dos limites do aceitável socialmente na cultura japonesa, utilizando vestimentas extremamente chamativas, cabelos tingidos, por vezes tendo tatuagens e piercings, valendo-se de linguajares ríspidos e indelicados. Por vezes, conforme a ótica-ficcional dos mangás expõem, grupos de yankees juvenis, regularmente, juntam-se e idealizam gangues urbanas. Ocasionalmente, determinadas obras, as quais dialogam também com o tema dos delinquentes juvenis, apresentam também outras gangues urbanas japonesas, designadas como “*bosozoku*”.

*Bosozoku* são consideradas como gangues de motoqueiros urbanas e seus integrantes, por vezes, em mangás, também acumulam arquétipos de delinquentes

adolescentes e juvenis. Não obstante, ao analisar tais títulos, não é raro localizar no enredo e no decorrer deste certas problemáticas que envolvem vulnerabilidade social e vulnerabilidade econômica, dentre outros aspectos correlacionados.

Em tal espectro, tem-se a grande subárea do direito, designada criminologia. Traduzida e espelhada em diferentes divisões e teorias, a criminologia constitui-se como uma ciência pertencente ao direito e considera o delito como o principal objeto de estudo.

Em perspectiva da problemática, o presente trabalho propõe-se a realizar uma análise e investigação do arquétipo *yankee* e *bosozoku*, por intermédio da perspectiva das narrativas ficcionais dos mangás japoneses com tais temáticas, atentando-se com relevância o contexto e configuração específica da sociedade japonesa em costumes sociais, morais, jurídicos e econômicos, em perspectiva a teoria da criminologia crítica. Elencou-se a análise em quatro obras distintas: “Yu Yu Hakusho”, “Bakuon Rettou”, “Crows” e “Hot Road”. Nesse ínterim, questiona-se: Existe vulnerabilidade social aos delinquentes jovens *yankees* e *bosozoku* nas obras ficcionais de mangás japoneses à luz da teoria da criminologia crítica?

Para o tema em questão, destaca-se que os grupos de gangues urbanas japonesas, em especial aos *bosozoku*, assim como os adolescentes com arquétipo yankee em mangás japoneses, já demonstram certa vulnerabilidade social e econômica, em comparação a outros modelos de personagens mais corriqueiros em outras obras. Essa percepção de vulnerabilidade dentro de tais obras de ficção não é inconsistente, devido ao fato que existe uma relação entre essa fragilidade do personagem na sociedade em questão e aderência a grupos mais marginalizados.

Em consonância a isto, a ciência da criminologia tem como objeto de estudo o delito e seu fenômeno na sociedade. A sociedade japonesa, com recorte a partir da ótica de mangás japoneses, sendo obras de ficção em seus enredos, infere uma relação entre tais grupos e fatos delituosos e outros crimes. De tal modo, entende-se que a aderência de tais personagens juvenis aos grupos supracitados decorrem de relações sociais fragilizadas e vulnerabilidades econômicas, não sendo somente a partir de vontades individuais destes, e sim a partir de tais fatores e dentro do sistema social que denota maior índice de criminalidade a eles.

O presente trabalho tem escopo justificado em distintos alicerces para então sua pesquisa e confecção, a saber o acadêmico, social e pessoal. Acerca do arcabouço acadêmico, ainda que com a existência de determinado repertório teórico existente de pesquisas correlacionadas ao tema, observa-se a existência da necessidade de produção maior de pesquisas acadêmicas relativas aos elementos abarcados pelo tema e recorte, seja na produção

cultural, análise de produtos oriundos da cultura de massa, estudos dos produtos da arte sequencial, mangás japoneses e estudos de criminologia correlacionados a grupos vulneráveis.

Então, sua importância social pauta-se pela pertinência em compreender não somente a teoria e aplicação penal do crime aos delitos perpetrados pelos indivíduos, mas essencialmente também compreender o fenômeno social do delito, suas origens e implicações sociais, objeto de estudo com maior variável de âmbitos de estudos, principalmente nas ciências humanas e não somente em específico a área do direito, devido a comunicação da ciência da criminologia com outros espaços.

Em relação ao campo pessoal, tem-se a notória compreensão da especificidade do tema. Consoante a isso, o recorte realizado dialoga com diversos campos distintos e diversos outros temas, exteriorizando-se na sua interdisciplinaridade.

Em conformidade ao tipo de pesquisa com base nos objetivos, elenca-se a pesquisa descritiva para a presente pesquisa. Para Gil (2002), as pesquisas descritivas objetivam a descrição das características de determinado grupo ou fenômeno, ou a relação aferida entre pontos variáveis. São marcadas por padronização de técnicas de coletas de dados, a exemplo da utilização do questionário e observação sistemática. Ao lado das pesquisas exploratórias, normalmente são mais frequentes nas pesquisas por pesquisadores sociais os quais têm preocupação com atuação prática. Quanto a pesquisa com base nos procedimentos técnicos utilizados, elencou-se a pesquisa bibliográfica. Conforme também afirma o teórico Gil (2002), esta forma dá a possibilidade de realizar de forma capaz a pesquisa a partir de registros e pesquisas realizadas anteriormente, a exemplo de livros, artigos acadêmicos, dissertações, dentre outros, sendo que tais documentos tornam-se fontes diretas e indiretas para auxílio e construção da pesquisa a ser realizada.

## 2 O FENÔMENO DELINQUENTE E SUAS REPLICAÇÕES NOS MANGÁS JAPONESES

Nesse ínterim, o qual observa-se uma fática multiplicidade de temas entre os produtos, recorta-se no presente trabalho os mangás de natureza “delinquente”. Não raramente, algumas obras demonstram tais personagens como integrantes de gangues urbanas, a exemplo das gangues *boso-zoku*. Não há uma tradução precisa para o termo em destaque anteriormente, todavia os mangás de *boso-zoku* são tratados como histórias de ficção traduzidos de um movimento de subcultura urbana característico das grandes metrópoles japonesas.

Com suas características, a sociedade infere-se estes grupos a um sentimento coletivo de grupo delituoso e pré-concepção de periculosidade aos indivíduos integrantes dos grupos e das gangues noturnas.

### 2.1 A subcultura urbana do *boso-zoku* nas metrópoles japonesas

Para Riessland (2013), *boso-zoku* trata-se de um termo genérico para denominar grupos urbanos de motoqueiros, em sua maioria adolescentes, do sexo masculino, que assumem uma conduta perigosa nas ruas, ao desrespeitar regras de trânsito e colocando em perigo outras pessoas e a si próprios. Na década de 1960, com a melhoria da crise econômica japonesa pós-Segunda Guerra, a capacidade consumidora da população também sofreu uma melhoria, facilitando o acesso da compra de motocicletas por jovens.

O aumento na quantidade de motos pelas ruas também provocou encontros de jovens, com suas motocicletas, nos centros das cidades japonesas, durante os finais de semana. A exibição de seus respectivos veículos, com modificações e melhorias, culminou na ocorrência de corridas ilegais em seus encontros, com o intuito de se mostrarem, ultrapassando limites das normas sociais rotineiras impostas a eles. Com seus espetáculos de barulhentas corridas ilegais e barulhos das motocicletas, provocou o surgimento de grupos diferentes de motoqueiros por áreas.

A atenção dos meios de comunicação para esses eventos, os quais se massificaram nas ruas, intensificou-se mais também, consolidando negativamente a opinião pública sobre os grupos. A lei japonesa incidiu diretamente sobre esses grupos na década de 1970, após o aumento de números de jovens ao movimento e também ao número de conflitos com a polícia, com intuito de controlá-los mais.

#### 2.1.1 Do pós-guerra a violência urbana: Antecedentes do fenômeno

A onda de formação de gangues urbanas compostas em sua maioria por adolescentes e jovens não começou especificamente apenas nas décadas de 1960, especialmente na década de 1970. Segundo Ambaras (2005 *apud* Gill, 2008), existiram antecedentes ao movimento das gangues de motoqueiros e como o Estado japonês contemporâneo lidava com os ditos jovens rebeldes, no período de 1895 a 1945.

No artigo, relata-se que o final da Era Meiji foi marcado por intensas transformações. Alguns relatos de crianças de rua, pertencentes a classe trabalhadora de Tóquio, revelam tentativas de implantação de reformadores sociais, como instalação de reformatórios e escolas primárias para os pobres. Entretanto, essa tentativa de instalar esses espaços vinha com uma perspectiva cristã, visão mais espartana da correção moral e da ocidentalização.

Ele traz alguns relatos vívidos de crianças de rua da classe trabalhadora de Tóquio e seus padrões, e descreve as tentações dos reformadores sociais de estabelecer certas mudanças. Os reformadores, embora ansiosos para implantação desses espaços, também tinham receio de instalar uma educação ocidental nas crianças. Na Era seguinte, durante a Era Taisho, o Estado japonês acreditava que a transformação da sociedade partiria da educação dos jovens.

Não somente isso, mas a instalação de leis como a lei juvenil (Shōnen Hō), em 1918, e tribunais juvenis, também foram paralelos a esse processo. Todavia, o surgimento dos "meninos modernos" e das "meninas modernas" provocou uma inquietação ao governo. Houve então uma certa repressão moral, a partir disso. E essa repressão evoluiu para ações inibidoras mais fáticas, como ações policiais que prendiam estudantes em cafeterias e lojas de departamento, já no período da entrada do Japão na Segunda Guerra Mundial, a partir de 1938.

Os estudantes nas escolas passariam a viver em dormitórios altamente vigiados, com supostos treinamentos e orientações, que viriam tentar retirar traços de individualismo nos alunos, sob uma forte filosofia moralista. E qualquer jovem era um delinquente em potencial, especialmente se mostrasse qualquer traço individual que o destacasse dos demais. Para Ambaras, a família também desempenhava um dos grupos e espaços de repressão a juventude, além da escola.

Por consequência, esses espaços de repressão social e moral, que se intensificaram durante a Segunda Guerra Mundial, seriam um forte faísca para o surgimento de “ondas de rebeldia” contra o sistema vigente, entre os jovens nas décadas seguintes e a consequente formação de gangues urbanas dentre esses indivíduos.

Durante a década de 1970 (Sato, 1982), em meio a um período de 'pacto de segurança' e da apatia política através de universidades, surge o que aparentava ser um novo tipo de movimento jovem. O estilo diferenciado das roupas nesse aparente novo movimento juvenil, notadamente das jaquetas pretas dos líderes das gangues de motoqueiros, chocando a classe adulta. O barulho alto e exaustivo emitido das respectivas motos causou certa antipatia aos adultos contra as gangues de motos.

Uma década antes, também pós-Segunda Guerra Mundial, surgiram grupos de jovens mais transgressores em relação a norma social à época, em paralelo também aos movimentos contraculturais de jovens em outras partes do mundo, a exemplo da Inglaterra. Entretanto, o movimento novo que estava surgindo e viria a se institucionalizar mais à época de 1970 denotava muita atenção da sociedade japonesa pela sua ousadia e também transgressões a regras.

Para Takuma *et al.* (1977), o crescimento rápido da economia do Japão não melhorou somente o padrão de vida das pessoas e diversificou o ensino superior, mas também causou uma diversificação dos valores, urbanização e nuclearização da família, o qual, produziu vários males sociais.

A juventude, em particular, teve de encarar uma escolha séria entre aderir a disparada desenfreada para entrar numa universidade ou abandoná-la, sem que em nenhum dos casos lhes seja dada qualquer oportunidade ou provação para lidar com dilemas ou problemas juvenis. A seguir, será aprofundado e exposto de modo melhor a trajetória histórica que culminou no surgimento de tais gangues, além de explicar o fenômeno das gangues urbanas japonesas e suas implicações sociais.

### 2.1.2 Vulnerabilidade social e aderência juvenil a onda delincente

Alguns estudos na área acreditam que algum tipo de tensão psicológica influencia na distância social dos chamados delinquentes, em relação as convenções sociais. Para Cohen (1955, p. 26-27 *apud* Sato, 1988, p. 199-200), os atos ilícitos praticados por tais jovens são oriundos da vontade deles se divertirem, frequentemente.

Porém, ele pontua também que a maioria destes que cometem os atos em busca de diversão são oriundos de classes baixas. Essa justificativa que a "vontade deles se divertirem" para o cometimento dos atos ilícitos não é suficiente, para ele, se não pontuar a classe nessa ideia também. Ou seja, ele acredita que, há uma diferenciação de classe por conta da distribuição desigual de oportunidades sociais. A entrada nesses grupos provoca um status alternativo para os adolescentes de classe social mais baixa.

Já nas palavras de Riessland (2013), existe uma dificuldade de pesquisar empiricamente, com interlocutores reais, ou seja, com pessoas que viveram ou vivem a realidade urbana do Japão, em razão da incompreensão inicial das pessoas não compreenderam o interesse pelo tema a ser pesquisado.

Dessa forma, quase todos os interlocutores da pesquisa em questão concordaram em um ponto em comum, o qual infere que os integrantes das gangues *bosozoku* constituem-se como uma parte indesejada da sociedade, sendo criminosos, violentos e perigosos. De modo curioso, nenhuma opinião negativa destes perpassou por uma experiência real de fato, em primeira mão, com os *bosozoku*.

Ou seja, a percepção social da população japonesa a estes indivíduos, eram, no geral, negativas. Tais noções provinham de boatos, afirmando que os casos de delinquência e brutalidade provinham destes, seguindo a linha de um suposto fato ouvido por uma pessoa conhecida, acontecido por outra pessoa conhecida deste. Além disso, os meios de comunicação auxiliaram a consolidar essa noção negativa dos *bosozoku*. “Em síntese, as pessoas pareciam experimentar a ameaça da violência *bosozoku* mais fortemente na realidade virtual de suas mentes do que nas ruas” (Riessland, 2013, p. 202).

A transformação social e aumento dos grupos de motoqueiros em metrópoles urbanas japonesas também influenciou diretamente na criação de produtos e outras mídias, como filmes e mangás, na segunda metade do século XX.

### 2.1.3 As gangues urbanas e suas implicações sociais

Conforme Riessland (2013), as mídias tinham muito interesse em veicular artigos e matérias sobre esses grupos, porque era mais rentável e mais chamativo de se ler em um jornal. Mas eles não estamparam somente notícias em jornais. A indústria de entretenimento também aproveitou-se da popularização destes grupos para criação de filmes e mangás com essa temática. Havia também filmes que eram adaptações de mangás, dado que o mercado expandiu-se muito para retratar essas temática.

As corridas e perseguições entre as gangues, nas motocicletas, pelas ruas das metrópoles japonesas provocou uma grande reação social e também por parte do Estado (Riessland, 2013). Os legisladores criaram e implementaram uma série de contramedidas urgentes com intuito de controlar os grupos *bosozoku* e também para restringir essas atividades pelas ruas. Após essa série de leis, os integrantes diminuíram drasticamente, porém a quantidade de grupos acabou por aumentar e dobrar, mesmo em menor número de membros.

Em 1982, a contagem da polícia atingiu o maior número de todos os tempos, com 754 (setecentos e cinquenta e quatro) grupos que tinham, ao todo, 42.510 (quarenta e dois mil e quinhentos e dez) membros. Após essa década, os integrantes dessas gangues decaíram drasticamente, assim como a quantidade dos grupos.

Eles existem na atualidade ainda, apesar da grande e visível diferença quantitativa comparado por volta de quarenta anos atrás. Para efeito de comparação, a Agência Nacional de Polícia, em 2011, revelou que o número total de integrantes dos grupos havia atingido menos que 10.000 (dez mil) membros, a menor série histórica já registrada.

Assim como mencionado antes, enfatiza-se o poder que a mídia e as consequências que ela provocou. Sendo ele, pra Sato (1991 *apud* Riessland, 2013) um dos fatores de grande influência. Ela realizou uma forte cobertura entre as décadas de 1970 e 1980. O outro fato, seria uma forma simplista exposta nas reportagens.

A imprensa expunha os grupos nos jornais, sem analisar de forma mais aprofundada a complexidade e heterogeneidade do fenômeno, apenas usando interpretações patológicas simplistas. As análises das coberturas reduziam-se a estereótipos rasos, como "seja como um demônio cruel e abominável ou como uma vítima patética que sofre de frustração e ansiedade crônicas" (Sato, 1991, p. 74 *apud* Riessland, 2013, p. 204).

Com tanto foco em exposição do fenômeno sem uma análise mais aprofundada a imprensa e também de outros entes, o imaginário coletivo sobre a natureza dos grupos tornou-se lesivo e perverso. O apreço em ressaltar os traços violentos e criminais reverberou e fixou-se na sociedade pelas décadas seguintes. Não é se admirar, desse modo, que no discurso público do Japão o termo *bosozoku* e delinquente juvenil tornaram-se sinônimos e de sentido praticamente intercambiáveis.

Esse fenômeno, assim como citado anteriormente, foi captado pela indústria do entretenimento. Repercutiu também na cultura dos mangás e o aumento de obras com essa temática. E em muitos casos, observa-se também esse processo. Em decorrência dessa institucionalização em sentido coletivo, diversos mangás permutaram essa semântica, observada por Ikuya Sato (1988).

Várias obras com personagens "desviantes" de uma norma social vigente acabam sendo considerados como delinquentes juvenis (*yankee*), sendo um sinônimo para *bosozoku* também, embora sejam dois processos distintos. E obras que tratem especificamente sobre as gangues de motoqueiros também se referem aos seus personagens como delinquentes juvenis. Devido a essa manifestação, será estudado primeiramente o mangá enquanto cultura, sua história e sua importância na atualidade.

## 2.2 O mangá enquanto cultura

Para Sato (2007), existem diferenças entre cultura pop e folclore. E a diferença principal entre ambas é o uso das mídias e da tecnologia para criação de novos produtos, sendo um impacto da industrialização. Em decorrência dessa industrialização, o fenômeno da cultura pop acaba por ser mais quantitativo que qualitativo. No entanto, qualquer produto "enlatado" classifica-se como cultura pop.

E dentro da lógica da atualidade, alguns produtos, sejam mídias como filmes, músicas e mídia impressa, acabam se destacando, enquanto o restante acaba por cair no ostracismo do público. Outro elemento fundamental é relativo ao período. Um produto de cultura pop é intimamente interligado com a época o qual foi concebido, enquanto o folclore tem um caráter mais atemporal.

Sato (2007) afirma ainda que a cultura pop criada por um país e a cultura pop de outro país influenciar outras populações são fenômenos distintos. Nesse panorama, a cultura pop japonesa surgiu pós-Segunda Guerra Mundial. A ocupação americana no país acarretou numa grande influência em vários âmbitos. O vocabulário inglês, filmes de Hollywood, comics e livros interferiu na vivência japonesa.

Entretanto, essa influência não acarretou uma simples cópia dos produtos americanos. Os japoneses utilizaram a grande onda de influência estrangeira e ressignificaram algumas coisas, reinventando conforme a cultura local. Essa reinvenção transformou profundamente a produção de novas mídias no Japão na segunda metade do Século XX em diante.

Produtos intrinsecamente do século XX, as histórias em quadrinhos popularizaram-se globalmente e também são frutos da cultura pop. Para Will Eisner (1989), na atualidade, palavras e imagens são fenômenos distintos. Entretanto, para o teórico, ambos derivam do mesmo ponto, ressaltando-se que a palavra também se constitui como uma espécie de imagem. E a história em quadrinhos trata-se da junção de ambos os fenômenos numa mesma conjuntura. "Na arte sequencial, as duas funções estão irrevogavelmente entrelaçadas. A arte sequencial é o ato de urdir um tecido" (Eisner, 1989, p. 122).

Em uma história em quadrinhos, o autor orienta a imaginação do leitor ao ler a obra, ao passo que na história em quadrinhos, com imagens gráficas, dispostas em quadros ao longo das páginas, o autor imagina-se pelo leitor. O leitor é capaz de compreender a mensagem ao identificar as imagens gráficas, enquanto ao dispor imagem e palavras lado a lado, em uma "mistura", produz mensagens que fornecem textos de ligação, diálogo e som.

O mangá, enquanto criação japonesa, não se limitou somente a circular em território japonês. A popularização do mangá nos países estrangeiros, para Sonia Luyten (2011), tem relação com a relação política do Japão com outras nações. Não deve ser ausente de ressalva a história sangrenta e imperialista do Japão sobre países do Sudeste asiático, em especial a Coreia, China (Manchúria) e Formosa, além de outros países do Sudeste Asiático e Extremo Oriente.

O desenvolvimento econômico do Japão, ao longo das décadas, tornou-se um modelo a ser almejado por alguns países da região, bem como no âmbito cultural também, ainda que com o histórico atroz entre o país nipônico e as outras nações. Em decorrência da proximidade entre Japão, Coreia e China, a influência recente dos mangás no âmbito cultural nestes dois últimos tornou-se cada vez mais expressiva, apesar da influência de ambos no Japão por milênios.

Dentre os quais destaca-se um produto do referido âmbito, denominado mangás. Estes, identificados como pertencentes e integrantes de uma área menor, nomeada como cultura pop, é oriunda, típica e característica do Japão. Os mangás são considerados como uma espécie de história em quadrinhos, os quais contam histórias de ficção em seus volumes, através de quadrinhos e características próprias do meio.

Para McCarthy (2006, p. 7 *apud* Batistella, 2014, p. 39), o termo é utilizado para caracterizar qualquer forma de arte sequencial, ao passo que representa um conceito maior fora do Japão, englobando como definição o estilo próprio de desenho, o qual apresenta pro leitor determinados signos e ideologias que não são limitados pela cultura ou a época produzidos, mas sim nelas enraizados.

Nas palavras de Natsume (1997 *apud* Fujiwara, 2010. p. 13), um dos maiores estudiosos do mangá no Japão, foi negado a questão do nacionalismo do Mangá no seu desenvolvimento histórico, embora ele admita que o mangá contém características singulares as quais refletem a cultura japonesa até determinado ponto.

Para além, o estudioso Natsume acredita fortemente na natureza híbrida da cultura popular. Ainda que, de fato, o Japão tenha oferecido certas condições para o mercado dos mangás crescer, a própria forma do mangá em si é universal e misturado ainda como um resultado de outras culturas, especialmente a cultura norte-americana, após a segunda guerra mundial.

### 2.2.1 Historicidade do mangá

Apesar de ser um produto muito fruto da contemporaneidade, o mangá não surgiu no século XX. Em verdade, a sua configuração para o produto que é hoje perpassou por diversas transformações ao longo das décadas e dos séculos. Inicialmente, as origens do mangá em si remontam ao "emaki", os quais foram os primeiros pergaminhos ilustrados narrativos da Era Nara (anos 710 a 794). São considerados como precursores dentre da longa historicidade do mangá. Outrossim, os "e-hon" eram livros impressos, também ilustrados, oriundos em outra era, já do período Edo (anos 1603 a 1868) e também são considerados como precursores (Japan Avenue, 20--).

Katsushika Hokusai, nas palavras de Luyten (2014), foi o primeiro artista a introduzir o termo "mangá". O artista ukiyo-ê<sup>1</sup> japonês, que viveu em meados do século XVIII, sofreu uma grande influência das gravuras holandesas, as quais mostravam paisagens da natureza holandesa e eram desenhadas sobre papéis, que serviam de embrulho para objetos exportados para o Japão. A influência das paisagens holandesas pelas gravuras, juntamente com a paisagem japonesa, influenciou Hokusai a produzir "A Grande Onda", obra mais emblemática do artista.

Figura 1 – "A grande onda", de Katsushika Hokusai



Fonte – Under the Wave off Kanagawa (Kanagawa oki nami ura), 1830-1832

<sup>1</sup> Ukiyo-ê é uma expressão de arte japonesa, oriunda do período Edo (anos 1603 a 1867). O ukiyo-ê foi produzido inicialmente em pinturas em tela, retratando bairros de entretenimento no Japão e cenas cotidianas de tais localidades, como atores de kabuki, cortesãs e prostitutas. Esse gênero de arte posteriormente foi expandido também para as xilogravuras (Britannica, 2024).

Desenvolveu um conjunto de estudos sobre movimentos, espaço e expressões, denominado como "Hokusai Manga". Tinha como preferência as artes que retratavam classes sociais, a vida urbana, a natureza e os animais, por intermédio de um estilo caricato. Sua importância foi de tamanha relevância, que o artista europeu Vicent Van Gogh estudou o estilo usado por Hokusai.

No manual de instrução sobre a arte de desenhar, criado pelo artista nipônico, deixou registrado a elasticidade que um desenho poderia alcançar através de suas formas, espaço, movimento e tempo. A partir disso, originou-se o termo mangá (desenhos irreverentes).

Ao longo dos séculos, essa manifestação artística continuou recebendo transformações. Kitazawa Rakuten, ou simplesmente mais conhecido como Rakuten, é considerado como o pioneiro da história em quadrinhos japonesa (Koyama-Richard, 2022). Desde jovem, aprende a desenhar por meio da pintura tradicional japonesa. Durante seus estudos sobre pintura ocidental, conhece as comics estadunidenses.

Passa a se interessar pelas histórias em quadrinhos e se interessa em levar a arte para o Japão. Através de parcerias com outros, o desenhista Rakuten passa a assinar suas histórias em quadrinhos como "mangá". As histórias tinham um teor fortemente político e crítico, graças a influências pelas caricaturas ocidentais.

Já na Era Taisho, de 1912 a 1926, surgiu o movimento dos "novos representantes progressistas do mangá". Nomes prestigiados, como Okamoto Ippei, desenhavam e também exercia a profissão de jornalista. Cria o termo "kisha" (jornalista de mangá) e em 1915, forma o grupo da Associação dos Mangás de Tóquio (Tokyo Manga Kai). Em 1923, a associação dissolve-se e dar lugar a Associação Japonesa dos Mangás (Nihon Manga Kai).

Os criadores passam a tentam conquistar um público mais jovem, com o passar do tempo. A exemplo, muitos mangás infantis foram integrados como suplementos, em média de 16 a 24 páginas, nas revistas femininas. Eram muito coloridas e objetivavam convencer as mães que lessem para os filhos pequenos. Também eram lançadas histórias em volumes independentes. Em decorrência da Segunda Guerra Mundial, a criação, produção e circulação dos mangás mudou fundamentalmente.

"Sob a pressão governamental, os heróis dos mangás começaram a enaltecer a defesa do país e ser utilizados como meios de propaganda. Depois do conflito, inúmeros soldados desmobilizados, sem trabalho, puseram-se a percorrer o país para fazer, na rua, representações de teatro de imagens, chamados kamishibai\*, muito apreciados pelas crianças, para as quais as distrações haviam se tornado raras. Muitos mangakás, tais como Shirato Sanpei e Mizuki Shigeru, iniciaram sua carreira desenhando para esses teatros ambulantes. [...] A história em quadrinhos consegue

renascer depois da guerra. [...] Pouco a pouco, seu formato evolui e os temas apresentados se ampliam” (Koyama-Richard, 2022, p. 133).

A partir da década de 1950, pós-Guerra, livraria com empréstimos de mangás surgiam em vários cantos. Os jovens buscavam essas obras nesses locais por um preço bem simbólico, facilitou a popularização do mangá entre a população. Nesse mesmo período, as “story mangas” se multiplicavam, sob influência do considerado como “pai dos mangás”, Osamu Tezuka. Um dos mangás mais conhecidos do renomado Tezuka foi “Tetsuwan Atom”, ou como ficou conhecido no Ocidente como “Astro Boy”.

Figura 2 – Painel do Astro Boy



Fonte 1 – MyAnimeList, 20--

A história tem como protagonista Astro Boy, um garoto-robô, que é ingênuo e ao mesmo tempo muito poderoso, com habilidades sobre-humanas. Essa característica o tornou muito identificável com o Japão pós-Guerra, no período de reconstrução. As multiplicidades de temas dos mangás, dos enredos e para diferentes públicos-alvo, fez renascer esse produto, mesmo durante a crise econômica instaurada após a Guerra e então, suscitar na nova geração uma nova esperança para viver.

### 2.2.2 A influência sociocultural dos mangás

Nas palavras de Moliné (2008), um dos principais fatores que auxiliam a despertar o interesse do público em relação aos mangás é elevada variedade de temas e gêneros entre as obras.

"É no hibridismo e na versatilidade das narrativas imagética japonesas que se revelam gêneros e subtextuais plurais, fragmentados, heterogêneos e complexos que

fomentam o imaginário do sujeito leitor, transcendendo imagens, construindo relações que tangem o afetivo e o onírico” (Batistella, 2014, p. 99).

Moliné (2008) ainda destaca principais pontos os quais são demonstram diferenças expressivas entre os quadrinhos ocidentais, notadamente norte-americanos (comics) e os mangás japoneses, citando aspectos como ritmo narrativo e layout dos quadrinhos.

Ainda de acordo com a perspectiva do autor, o leitor acompanha uma evolução do protagonista, em muitas obras, em uma denominação afirmada como uma "viagem de iniciação". Essa viagem seria uma alusão ao desenvolvimento do personagem, desde o início da estória até o final desta, visto que o protagonista, geralmente de idade jovem, é apresentado como um menino e no final já como um adulto, passando a descobrir, desse modo, o sentido da existência dele e a missão na vida. Como bem citado anteriormente, existem diversos gêneros de mangás.

Devido a multiplicidade de temas, assim como de gêneros, é incorreto classificar uma obra em um único gênero. Os mangás são publicados, em periodicidades pré-determinadas, em revistas semanais, quinzenais ou mensais. Tais revistas também têm público-alvo definido e desta forma, há uma pluralidade de gêneros distintos em cada mangá, que são publicados por estas revistas. Diferentemente dos quadrinhos ocidentais, o mangá, nas palavras de Hirata (2012), especializou em atender grupos mais específicos, divididos entre idade, sexo e conjuntos mais nichados.

A exemplo da especificidade dos mangás em contraste com as histórias em quadrinhos ocidentais, ressalta-se os focos de acordo com cada revista que serializa e publica as obras. Existem revistas com focos específicos, voltadas para determinados públicos. Em termos de classificação das revistas por tipo de público-alvo, nomeia-se esse modo de classificação por demografia.

Tais revistas de mangás, classificadas por demografia – ou seja, por público-alvo –, dividem-se: Revistas *shounen*<sup>2</sup>, *shoujo*<sup>3</sup>, *seinen*<sup>4</sup> e *josei*<sup>5</sup>. As revistas *shounen* e *seinen* geralmente, mas não de forma restritiva, reúnem histórias com temas diversos, geralmente envolvendo valores de amizade entre os personagens, narrativas de ação, aventura, esportes, dentre outros. Já as revistas *shoujo* e *josei* tem uma tendência maior de reunir histórias mais românticas, focadas em narrativas de dramas entre personagens e outros temas correlatos. E as

---

<sup>2</sup> Demografia de revista voltada para o público adolescente masculino.

<sup>3</sup> Demografia de revista voltada para o público adolescente feminino.

<sup>4</sup> Demografia de revista voltada para o público adulto masculino.

<sup>5</sup> Demografia de revista voltada para o público adulto feminino.

revistas *kodomo*<sup>6</sup> geralmente trazem narrativas mais curtas, para crianças, geralmente envolvendo também propagandas de games e brinquedos.

Além de ser um produto de cunho comercial, os mangás, segundo Santos (2017), são compreendidos como uma obra de arte no Japão e também como um produto comercial. Ainda que a indústria de produção, incentivada pelo lucro, os mangás japoneses representam como uma forma de lazer da população, assim como de identidade nacional também.

São considerados como objetos de consumo necessário, consumidos por distintas pessoas de diferentes classes e faixas etárias. Ainda na atualidade, verifica-se e identifica-se que essa cultura midiática é fortemente marcada pela diversidade de histórias e temáticas em suas respectivas narrativas.

Para ter uma melhor noção do impacto cultural do mangá em território japonês, estima-se que a maioria dos japoneses já tenham lido ao menos alguma vez na vida. Assim, aborda Koyama-Richard na vivência japonesa:

“Quem nunca foi ao Japão não pode se dar conta do lugar que os mangás ocupam na vida cotidiana de seus habitantes. Mesmo que nem todos os japoneses os leiam regularmente, pelo menos os leram em sua infância. Os intelectuais podem falar de seu mangá preferido sem nenhum constrangimento. Nova cultura por excelência, cultura popular, é claro, os mangás estão por toda parte. Não é preciso ir a uma livraria para encontrar um deles, pois são achados nos quiosques das estações ou do metrô, ou ainda nas konbini, essas lojas de conveniência abertas vinte e quatro horas por dia. Também estão presentes, entre outras revistas, nos consultórios de dentistas, cabeleireiros, em alguns cafés, e em particular nos manga kissa, estabelecimentos em que se pode ler mangás à vontade, por uma quantia módica...” (Koyama-Richard, 2022, p. 159).

Nessa linha, os interesses estrangeiros sobre os produtos oriundos da cultura pop japonesa ocorrem devido ao passado rico do Japão (Sato, 2007). Sendo assim, o conhecimento em valores estéticos, tradições, religiões e outras histórias são importantes para compreender melhor o pop nipônico.

O fenômeno dos mangás, para Moliné (2008), não é desacompanhado. Existe uma tendência mundial em comparar história em quadrinhos (HQ's) com as animações, visto que uma parte destas últimas são adaptações das primeiras. Entretanto, nem todo aficionado de história em quadrinhos é necessariamente um aficionado por animação. Já os leitores de mangás, em uma parcela elevada dos casos, também são consumidores das animações japonesas (animês), fenômeno descrito pelo autor como "um poderoso casamento".

E estas mesmas animações têm relevância fundamental para então compreender a entrada e popularização do mangá nos países ocidentais. A popularização dos animês no

---

<sup>6</sup> Demografia de revista voltada para o público infantil.

Ocidente foi acelerado a partir da década de 1970. Para o autor, a obra “*Alps no shojo Heidi (Heidi)*” foi imensamente responsável por introduzir os animês na Europa, no ano de 1974.

A partir desse processo de popularização das animações, houve a introdução de mangás no Ocidente, notadamente na Europa, inicialmente em países como Espanha, Itália e França. Já um fator apontado para a entrada dessas obras no país é referente a maior comunidade nipônica fora do Japão ser localizada no Brasil. A mesma hipótese é levantada por Luyten (2011), pois infere-se que a grande proporção de japoneses e descendentes de japoneses, sendo a maior comunidade japonesa do mundo fora do país de origem, seja um dos fatores que justifiquem a popularização da mídia do mangá no Brasil.

Não somente isto, mas é relevante citar outros fatores que contribuíram com a popularização. O fenômeno da globalização, juntamente com a presença dos animes, que, muitas das vezes, são adaptações em mídia dos mangás, também são outros dois fatores que corroboraram intensamente para a popularização do mangá em solo brasileiro.

Batistella (2014) detalha de modo mais minucioso acerca da imigração japonesa e como a influência da grande quantidade de imigrantes ocasionou na entrada dos mangás no Brasil. A primeira leva de mangás chegou ao Brasil por intermédio da bagagem de imigrantes pioneiros japoneses, no início do Século XX. Em 1895, houve um acordo entre Brasil e Japão, que foi justificado pela necessidade do governo japonês em aliviar o aumento demográfico populacional no país.

As famílias, vindas ao país com promessas de enriquecimento e possível melhoria de vida, instalaram-se no país com ajuda do governo local. Temerosos de haver uma redução cultural dos imigrantes e seus respectivos descendentes, criaram escolas com intuito de preservar a língua materna, utilizando materiais e livros didáticos, incluindo as histórias em quadrinhos japonesas.

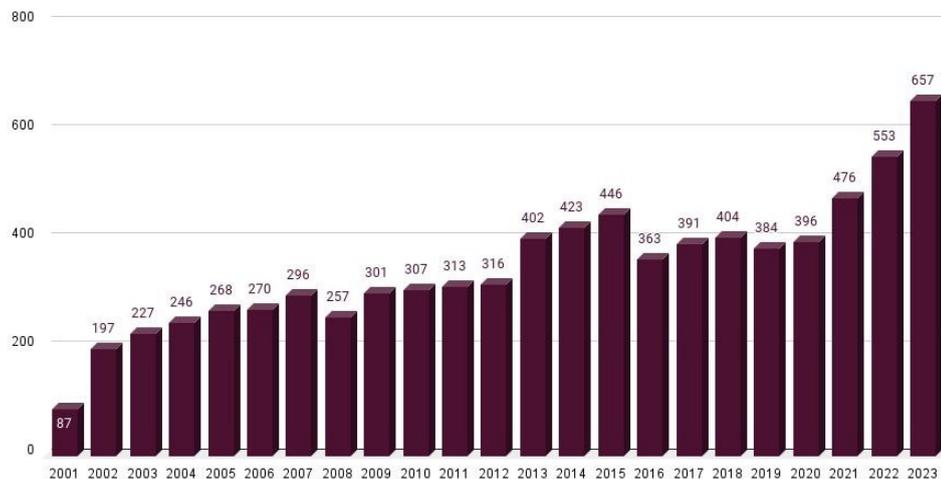
Moliné (2008) também aponta outros fatores relevantes no estudo da introdução do mangá no Brasil. Alguns artistas nacionais tentaram imitar e desenhar obras usando o “estilo” mangá, na década de 1960. A visita de Osamu Tezuka, em 1978, também foi apontada com um relevante fator para a abertura no país para receber tais obras. Na década de 1980, foram traduzidos os primeiros mangás para o português brasileiro.

O primeiro mangá lançado em terras brasileiras foi “Lobo Solitário” (Kozure Ōkami no original), criado pelos mangakás Kazuo Koike (roteiro) e Goseki Kojima (ilustrador). Criado em 1970, chegou no Brasil em Março de 1988, pela editora Cedibra, segundo dados da Biblioteca Brasileira de Mangás (2023).

Nesse parâmetro, números do mercado brasileiro de mangás de 2023 revelam e demonstram que, trata-se de um largo mercado, com elevada popularidade, em contínuo crescimento e gradativa oferta de títulos em solo brasileiro. Conforme levantamento realizado pelo Blog Biblioteca Brasileira de Mangás (2024), no ano de 2023, foram publicados 657 volumes de mangás.

Já no ano de 2022, segundo o BBM, foram publicados 553 volumes de mangás. Entre 2022 e 2023, houve um aumento de 18,81% no número de volumes publicados. Ou seja, identifica-se aqui que houve um acompanhamento do índice crescente desde 2001, em todos os anos, conforme evidenciado na tabela a seguir.

Gráfico 1 - Gráfico do mercado brasileiro de mangás (2001 a 2023)

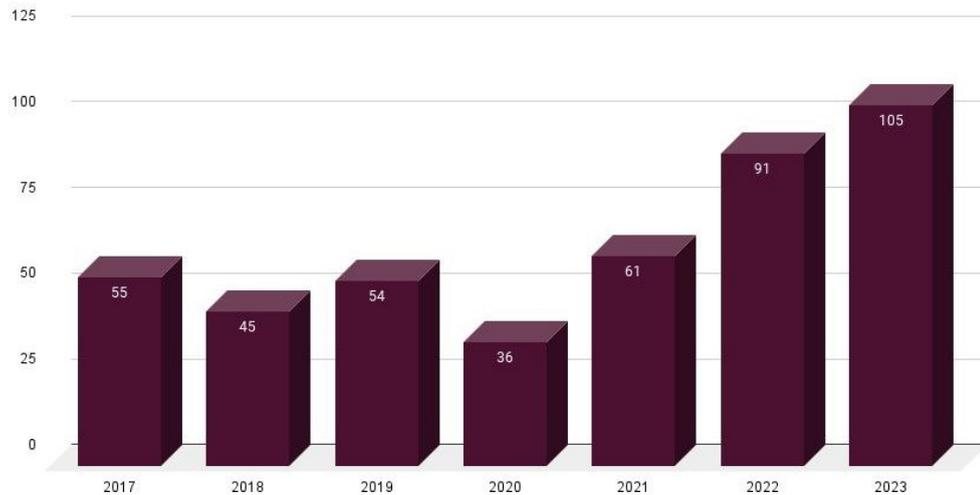


Fonte – Biblioteca Brasileira de Mangás, 2024

A quantidade de novas obras no Brasil a cada ano também cresceu fortemente, influenciando diretamente pelo aumento do mercado, pelos públicos-alvo no Brasil e seus respectivos temas de interesse. Por consequência, observa-se que o licenciamento de novas obras, foi diretamente proporcional a quantidade de volumes de mangás publicados no ano pelas editoras brasileiras, corroborando com as hipóteses anteriormente citadas.

Assim sendo, demonstra-se o claro aumento do mercado editorial brasileiro de mangás. Só no ano de 2023, houve a estreia de 105 obras em solo brasileiro, enquanto em 2022, houve a estreia de 91 obras, representando um expressivo aumento de 15,38% entre 2022 e 2023. Constata-se no gráfico a seguir.

Gráfico 2 – Estreias de mangás no Brasil (2017-2023)



Fonte – Biblioteca Brasileira de Mangás, 2024

Em conformidade ao demonstrado por intermédio dos dados fáticos, é válido e certo afirmar que o mangá trata-se de um grande fenômeno global, não limitando sua expansão somente a atualidade, mas também de décadas atrás, incluindo no Brasil. É uma mídia de grande relevância e popularidade, a qual continua em crescimento entre a população, em conformidade com o crescente aumento de títulos a cada ano, mesmo após quase 40 (quarenta) anos depois da introdução e tradução do primeiro mangá em terras brasileiras.

### 2.2.3 A relação entre o direito e cultura pop

Cultura pop é, na atualidade, uma grande área de interdisciplinaridade entre as áreas de conhecimento. Devido os diferentes tipos, há uma variedade muito extensa de produtos da cultura pop, sejam eles filmes, músicas, games, história em quadrinhos e mangás. Relativo ao presente recorte, o direito, nas palavras de Almeida e de Melo (2022), não é absoluto, ou seja, é uma instituição que evolui e muda de acordo com os reflexos da sociedade. A partir das transformações sociais, o direito cria legislações, mecanismos e ferramentas jurídicas que possibilitam a melhora funcional da sociedade.

Hoje, a cultura popular se reflete também na cultura pop, através de seus produtos. Culturas midiáticas e culturas de massa não são equivalentes, para Friedman (1989), mas são meios de comunicação social. A cultura popular foi alterada pela mídia, permitindo sua transformação. Os meios de comunicação e a tecnologia possibilitaram a maior expansão da cultura popular. E sua influência é significativamente imponente.

Um indivíduo famoso, mesmo distante geograficamente e socialmente, pode tornar-se familiar e comum a população, diferentemente da transmissão da cultura popular de

modo anterior e tradicional. Os meios mostram uma cultura do presente. Sendo o direito uma instituição que é reflexo da sociedade em questão, ele também é suscetível a mudanças e possível de transformações. E a cultura midiática está distante de um conceito de inércia: É uma cultura de pluralismo e de mudanças. Ademais, uma cultura popular também é passível de transformar as instituições jurídicas.

A cultura pop, materializada por exemplo em filmes, histórias em quadrinhos e músicas, dialoga diretamente com a atualidade, com o passado e com o futuro, através de suas histórias. Sendo o direito uma forte perspectiva da atualidade, não é nada incomum localizar obras que dialoguem com o mundo jurídico, assim como também exponham suas críticas. Em decorrência disso, há forte possibilidade de traçar uma ponte entre um produto da cultura pop e o direito, interligando os dois mundos, traçando respectivas análises e críticas.

Para o presente trabalho, foi elencado uma análise de alguns mangás com recorte “yankee” e “bosozoku”. Essa é uma temática relativamente recorrente nos mangás, principalmente em mangás mais antigos, com uma natureza bem singular. Assim como será visto no presente trabalho, em seção adiante, a criminologia estuda o delito no âmbito social e a relação da sociedade com esse fenômeno.

A percepção coletiva da sociedade japonesa no século passado, demonstra que há de fato uma determinada estigmatização e compreensão pré-concebida de uma possível conduta que jovens poderiam adotar. Não somente isto, mas a concepção prévia que, de fato, indivíduos mais jovens são mais propensos a cometer delitos a sociedade.

### **3 CRIMINOLOGIA E TEORIA CRÍTICA DA CRIMINOLOGIA**

Nas sociedades, crime, é um fato inevitável e considerado como uma espécie de desvio do que é esperado do agir de um indivíduo, da conduta dele. Desvio esse em diferentes níveis, sendo comportamentos que não são aceitos no padrão normativo da sociedade. E a gradação desses desvios perpassa por uma tipificação e uma criminalização da conduta, pela perspectiva penal. Porém, em uma perspectiva mais sociológica, crime é um fenômeno muito mais amplo e complexo de se analisar.

O indivíduo que comete uma conduta considerada desviante para uma certa sociedade, tem seu comportamento criminalizado. No direito penal, a conduta desviante é tipificada e certa. Para a criminologia, não é um conceito dado e certo. Assim posto, o conceito de crime, o estudo da criminologia, relação entre direito penal e criminologia, as escolas da criminologia e a institucionalização da criminologia crítica.

#### **3.1 Objeto da criminologia: Do delito ao controle social**

O delito deve ser compreendido por diversas frentes, não somente pela perspectiva penal, em razão de tornar-se uma compreensão insuficiente. A forma como a sociedade compreende àquele delito também deve ser considerada, pois essa compreensão influi na forma como a pena é aplicada (Silva; Gugulietti; Fazio, 2020). A pena aplicada, como meio de retribuir o mal causado à sociedade, assumindo uma natureza punitiva, ou então uma natureza preventiva, como meio de prevenir futuros delitos, acaba por assumir um controle social formal.

Para os autores Lola Aniyar de Castro e Rodrigo Codino (2017), não existe "a criminologia", mas sim "as criminologias", por se tratar de teorias distintas com correntes e objetos de estudo distintas. Pois assim, na perspectiva dos autores, assume-se o plural da palavra ao invés do singular, devido a diversidade existente dentre os pensamentos criminológicos, dado que cada criminologia se constitui como um produto historicamente variável, razão pelo qual também é dificultoso definir com exatidão um conceito para criminologia.

Nesse ambiente, exemplificam as maiores correntes criminológicas em cinco ramos (Castro; Codino, 2017), com interpretações, políticas, epistemologias e objetos de estudo distintos. A partir da observação dos objetos de estudo central para as criminologias, subdividem elas em razão de seus objetos: Criminologia Clássica a partir do estudo do delito; Criminologia Positiva a partir do estudo do delinquente; Criminologia Organizacional a partir do estudo da delinquência; Criminologia Interacionista a partir do estudo da reação social; e

Criminologia Crítica, Criminologia Radical e Criminologia dos Direitos Humanos a partir do estudo do controle social.

Dentro do espectro do direito, tem-se uma variedade de áreas especializadas, em razão do direito, enquanto ciência, tomar para si o estudo de distintas problemáticas. Elenca-se para examinar a presente proposta a ciência da criminologia, cujo objeto principal de estudo é o delito.

Em oposição ao conceito na esfera penal, na criminologia, o crime deve ser compreendido como um fenômeno comunitário, nas palavras de Shecaira (2011) e também como um problema social, pois a conceituação é insuficiente. Bem como em outras especialidades do direito, na criminologia também existem correntes e escolas de pensamento, ao decorrer dos séculos. No presente trabalho, elenca-se a teoria crítica (também reconhecida como criminologia crítica ou teoria marxista) da criminologia.

No direito penal, coexistem correntes de pensamento distintas entre teóricos. Nas palavras de Capez (2012), em conformidade a teoria clássica (ou teoria naturalista ou teoria causal), o crime se sustenta e se define em três alicerces: Crime é a conduta que seja um fato típico, ilícito e culpável: "[...] uma vez que, sendo o dolo e a culpa imprescindíveis para a sua existência e estando ambos na culpabilidade, por óbvio esta última se tornava necessária para integrar o conceito de infração penal" (Capez, 2012, p. 125).

Dentro do direito penal, o crime precisa cumprir esses três requisitos para ser considerado como um crime, de acordo com a teoria tripartite. O crime, no direito penal, está muito mais relacionado a tipicidade. Já a criminologia reúne uma informação válida e de natureza confiável acerca do problema criminal (Shecaira, 2011), baseado em uma forma empírica de análise e observação da realidade.

A criminologia é uma denominação genérica designada a um conjunto de temas estreitamente interligados, como o estudo e a explicação da infração legal, meios-formais e informais de que a sociedade se utiliza para lidar com o crime e com os atos desviantes, a natureza da forma como tais vítimas de crimes serão tratadas pela sociedade e o enfoque do autor sobre tais fatos desviantes. A ciência da criminologia perpassa por distintos conhecimentos e égides, notadamente oriundos das ciências humanas, com o objetivo principal de compreender o fenômeno do delito, o caminho que integrou a ação até a ocorrência do delito e sua relação às normas sociais e jurídicas na sociedade.

Crime, para a criminologia, constitui-se de quatro elementos para ser considerado como fato delituoso. São os quais: Necessariamente o fato ter uma incidência massiva na população, ou seja, o fato deve ser aquele que é reiterado sua ocorrência na sociedade e não a

fato isolado ocorrido em local distante; Incidência aflitiva do fato praticado, relativo a aquele fato que produz uma certa dor e aflição em determinado grau no indivíduo e na população; Persistência espaço-temporal se refere ao fato que ocorre reiteradamente e se repete ao longo do tempo e do espaço, não somente um único caso isolado e singular e inequívoco consenso a respeito a etiologia do crime e qual ou quais técnicas de intervenção seriam mais adequadas ao fato delituoso.

### **3.2 O modelo defasado da criminologia clássica**

O século XIX foi marcado por evoluções em múltiplas áreas do conhecimento, por distintos pensadores. Todavia, pontua-se aqui a forte presença da institucionalização de determinadas ordens sobre os estudos científicos, como o positivismo e a eugenia, influenciando diretamente sobre as ciências do século.

Cesare Lombroso, psiquiatra e criminologista famoso do século XIX, teve reconhecimento por defender a teoria do "criminoso nato" (Alvarez, 2002), sendo esse termo cunhado por Enrico Ferri, criminologista italiano. Esta teoria, baseada no pressuposto que os comportamentos das pessoas estariam interligados diretamente com suas particularidades biológicas, foi extremamente difundida entre os âmbitos de conhecimento.

Ou seja, a identificação do crime, segundo estudo de Andrade (1995), partiria a partir do determinismo fisiológico, analisando e buscando possíveis anomalias anatômicas e fisiológicas, em indivíduos apenados. A partir desse ponto, para ele, seria possível identificar os delinquentes sociais, como uma espécie de gênero humano à parte, que futuramente, cometeria crimes.

Nas palavras de Anitua (2008), os discursos do controle da população, da industrialização e do liberalismo tomaram conta do século XIX. Nesse ínterim, o discurso da medicina surgiu como um meio de instaurar uma forma de tratamento entre indivíduos iguais e indivíduos não iguais, sendo perpassado pelas teorias do contrato social. A psiquiatria alienista, junto da medicina social e o higienismo, atuavam de forma conjunta para atender uma política instaurada de "tratar" os não-iguais e não-livres de uma sociedade, por intermédio de locais de controle e confinamento de isolamento: manicômio ou asilo.

Ou seja, a medicina utilizava critérios para segregar determinados indivíduos da sociedade, a partir do discurso higienista.

"Castel destaca que os esforços realizados na França durante os anos próximos a 1838 para justificar a detenção de doentes mentais teria um caráter político, associados à justificativa do Estado de direito, mais do que prático, pois só diria respeito a uma 'dezena de milhares de pessoas'. Todavia, esse paradigma deve ter sido aplicado com muita amplitude, pois devido ao grande número de 'loucos'

declarados e aprisionados na época, creio que é possível deduzir que essas seriam desculpas para a detenção e o controle de amplos setores da população. Em todo caso, o paradigma do controle seria, portanto, o do 'confinamento terapêutico' proporcionado pela medicina interpretada num sentido muito mais amplo do que no atual" (Anitua, 2008, p. 238).

O conservadorismo também perpassou por várias áreas de conhecimento. E exemplo, Thomas Malthus, também conhecido como "pai da demografia", teorizava que os alimentos cresceriam em progressão aritmética e a população cresceria em progressão geométrica. A teoria malthusiana também influenciaria a teoria do "darwinismo social". O pensamento higienista da época, junto com o conservadorismo de alguns pensadores, a exemplo de Malthus, influiria para outros campos de conhecimento, assim como para o campo criminológico.

Houve uma influência do pensamento nas teorias da pena, influenciando no defensivismo social utilitarista. O indivíduo que realiza uma delinquência às normas sociais não viola o contrato social, mas revela uma natureza associal. E ao se deparar com a situação, o Estado deve lidar com a problemática não por meio da retribuição, mas sim por meio de medidas de cura ou eliminação. O higienismo entra em cena a partir desse contexto, através de medidas de reorganização espacial das cidades, limpeza e higienização de espaços públicos, dentro de uma perspectiva estatal maior.

A ótica higienista, no século XIX, abrangeu mais do que a perspectiva geográfica: Influenciou também em medidas de separação e divisão de classes sociais, consideradas como desviantes, do restante da sociedade. Uma concepção de reorganização urbana, dividindo indivíduos desviantes, delinquentes, prostitutas, objetivando realizar a manutenção da ordem social burguesa.

Os pensamentos higienista e conservador serviram como base teórica para o desenvolvimento das primeiras criminologias, agregadas atualmente como classe da Criminologia Clássica. A preocupação dos chamados higienistas abrangia os delinquentes e a prática da vagabundagem, juntamente com doenças venéreas e alcoolismo, como sendo males da sociedade.

A moral burguesa se institucionalizou mais a partir desse contexto, com a adoção de práticas burguesas e o conseqüente confinamento dos considerados até então como "males". A valoração das práticas "morais", "imorais", "civilizado", "não-civilizado" se intensificou e a noção de necessidade da "cura" da "anormalidade" passou a ser difundida.

A idealização do "outro", como sendo anormal e àquela figura que necessita de uma cura pela medicina, passou a vigorar nas governanças das cidades. O nascimento da

psiquiatria e a noção de determinismo biológico é mais fortemente instaurada na sociedade, como medidas para curar os "loucos" e as figuras desviantes.

"O determinismo morfológico do pensamento desses médicos e seus minuciosos exemplos de psiquiatria e de medicina legal assentariam as bases da futura criminologia e seriam especialmente úteis a uma burguesia que devia articular, de algum modo, o discurso jurídico liberal com as desigualdades próprias do sistema de produção. Nesse sentido, a psiquiatria seria tão ou mais importante que a frenologia, particularmente por ter resistido ao ridículo enfrentado por essa outra disciplina diante da sua não-comprovação empírica" (Anitua, 2008, p. 249).

A psiquiatria, junto da frenologia<sup>7</sup>, formou uma linha teórica que influenciaria outros pensamentos do século XIX. Uma dita "cientificidade" passou a ser pautada em cima de linhas biopsicológicas. Ou seja, uma determinação da periculosidade do indivíduo na sociedade se pautaria estritamente nas características físicas e biológicas.

"Assim, para a frenologia a delinquência era determinada biologicamente e por esse motivo os esforços penais deveriam atentar para essas predisposições e não tanto para o fato delitivo em si, que seria uma consequência: deveria deixar-se de atender à doença expressa e agir em relação ao "doente". Em síntese, Gall sugeria que a legislação penal deveria abandonar toda pretensão de justiça e encaminhar-se para a prevenção de delitos e a proteção da sociedade dos incorrigíveis, que poderiam ser facilmente identificados através dos seus métodos "craniotóxicos" (Anitua, 2008, p. 274).

Assim, o tratamento penal aos indivíduos desviantes de uma norma analisaria diversos traços físicos e supostas anomalias para justificar a implantação da pena, baseado em supostos comportamentos desviantes, através de traços físicos. A gênese da criminologia clássica é traçada a partir das óticas das frenologias e do eugenismo do século XIX, suspostamente científicos à época, como método de validação das políticas penais e ordens acadêmicas, pautados essencialmente numa perspectiva preconceituosa e racista.

Aliado a isso, o positivismo, não somente como estudo, mas também como perspectiva que influiria para todas as outras ciências à época, seria utilizado para basilar as teorias eugenistas. E, conseqüentemente, ser utilizado como base para a criminologia clássica.

"O positivismo, o materialismo e o cientificismo em geral forneceram a base para a sofisticação ideológica que o capitalismo imperialista requeria por volta do final do século XIX. Nem as teorias que haviam sustentado o antigo colonialismo nem o racismo mais moderno estavam em condições de superar o contraste com a realidade. Muito menos podiam permitir a aceitação dos habitantes da periferia dependente e a das classes bem pensantes das metrópoles. À nova expansão européia para o mundo deveria justificar-se com um objetivo benefactor: o homem branco iria compartilhar o produto da civilização de modo que todos os povos "evoluíssem" da mesma forma que os povos do capitalismo avançado. O positivismo evolucionista forneceria essa base ideológica" (Anitua, 2008, p. 290-291).

---

<sup>7</sup> Frenologia foi um campo da ciência do Século XIX. Seu objeto de estudo consistia no estudo dos crânios humanos. As pesquisas baseavam-se em um pensamento vigente à época, do qual a inteligência humana era relacionada ao tamanho do cérebro (Sabbatini, 2011). Além disso, teorizava-se que as aptidões mentais e as qualidades mentais de cada indivíduo poderiam ser identificadas através das formas exteriores dos crânios (Barbosa, 2016).

Todavia, não se pode deixar de ressaltar e expor que a criminologia clássica se trata de uma escola criminológica que foi justificada em meio ao tempo e espaço da qual surgiu. Assim afirma Gabriel Ignacio Anitua: “O estudo da criminologia positivista pode ser explicado [...] com base no ‘homem delinquente’. Essa denominação seria a de um ente diferenciado, como outra ‘raça’ em tudo diferente da dos seres humanos normais” (Anitua, 2008, p. 287).

E somente faz sentido se analisar o retrospecto do momento da história do seu surgimento e o contexto social europeu. Ao longo das décadas, a escola entrou em declínio, em razão dos seus objetos e métodos antiquados, frente aos novos pensamentos do século XX. A criminologia tradicional de natureza positivista partia de pressupostos não comprovados (Castro, 1983). Os comportamentos desviantes são considerados como maus somente em virtude de consensos coletivos. E os estudos sobre traços desviantes foi proveniente a partir de indivíduos apenados.

Todavia, não havia uma investigação científica séria, usando generalizações sobre uma amostra que não era representativa da população total reclusa. Apesar de ser considerada a primeira escola criminológica, e não há uma sobreposição de uma escola sobre outra em questão de validação, é notório e esclarecedor afirmar que os elementos da criminologia clássica não se adequam mais a presente realidade, e não deve mais ser considerada como perspectiva para análises. Não é considerado inválido então, afirmar que o método clássico é considerado antiquado aos dias de hoje e também ultrapassado, sendo considerado mais para fins de conhecimento acerca do surgimento da criminologia enquanto ciência autônoma.

### **3.3 Os enfoques das criminologias do controle social**

A criminologia, como ciência, estuda muito mais que somente o delito, a delinquência e o delinquente (Castro, 1983). Ela realiza o estudo de fenômenos alheios a abrangência do direito penal. Fenômenos comportamentais e psicossociais relativos a um imperativo jurídico, também são objetos da criminologia, assim como as normas culturais que influem para determinados comportamentos. E passaram a existir diferentes tendências a partir dos objetos do delito, da delinquência e do delinquente. Compreende-se também que essas tendências também podem ser enunciadas como escolas criminológicas.

Para o presente trabalho, utiliza-se a classificação feita por Lola Aniyar de Castro e Rodrigo Codino (2017), ressaltando-se que essa forma de classificar as escolas não é absoluta, justificado sua utilização apenas para fins mais didáticos. A seguinte tabela

exemplifica e traz consigo uma melhor noção das diferentes escolas, classificadas de acordo com os níveis epistemológico, criminológico, interpretativo e político.

Tabela 1 – Classificação das Escolas Criminológicas por níveis

<b>Nível epistemológico</b>	<b>Nível criminológico</b>	<b>Nível interpretativo</b>	<b>Nível político</b>
Método dedutivo, lógico-abstrato, especulativo	Criminologia Clássica	Administrativa Política Criminal Prevenção geral	Criminologia da repressão
Método indutivo, causal-explicativo	Criminologia positivista <ul style="list-style-type: none"> <li>• Clínica</li> <li>• Estrutural-funcionalista</li> </ul>	<i>Acting out</i> (atuação) Prevenção Geral e Especial	Criminologia da repressão (ou ressocialização, reintegração, reeducação)
Construcionismo	Criminologia Interacionista	Reação Social	Abolicionismo novos bens jurídicos protegidos
Materialismo histórico	Criminologia radical	Teoria política do Controle Social (formal-informal)	Criminologia da Libertação
Teoria Crítica	Criminologia crítica	"Sistema" de Justiça Penal	Criminologia do Controle Social e dos Direitos Humanos

Fonte – Castro e Codino, 2017

Nesta classificação entre escolas, pode ser feito um paralelo entre as antigas criminologias e as novas criminologias. As antigas criminologias são separadas entre Clássica, Positivista e Organizacional. E as novas criminologias entre Interacionista, Radical e Crítica.

Já para Baratta (2011), há uma classificação ligeiramente distinta entre as escolas ou tendências. Divide em dois grandes grupos, denominado entre Teorias do Consenso (ou Teorias Funcionalistas), composta pela Escola Clássica, Escola Positivista, Terceira Escola e Escola de Chicago. E as Teorias do Conflito, composta pela Escola Interacionista, do *Labelling approach*, Escola Crítica, Minimalismo Penal e Abolicionismo Penal. Destaca-se que tais classificações variam de acordo com o autor e uma não deve ser menosprezada em detrimento de outra, apenas a coexistência delas a partir da interpretação própria de cada um.

Sobre a Criminologia Clássica, já foi discursado consideravelmente no presente trabalho. A escola surgida posteriormente, Escola Positivista, a partir da perspectiva do prestígio da Ciência, tentará criar bases supostamente científicas à Políticas Públicas (Castro e Codino, 2017). Para isso, usará como justificativa as causas da transgressão. Já a Criminologia Organizacional, seria um método mais próprio dos operadores do Sistema

Penal, como policiais, juízes, sistema penitenciário, tribunais), operando em razão dos objetivos, analisando a efetividade destes e propondo reformas.

Entre as novas escolas, a Criminologia Interacionista vai focar no processo de definições legais por conta dos poderes que os grupos sociais conseguiram obter. Essa Escola é referente a processo da Reação Social. A Criminologia Radical estudará o processo de Controle Social, partindo de uma perspectiva marxista. E a Criminologia Crítica, oriunda também do processo da Radical, porém vai partir do materialismo histórico e da Escola de Frankfurt, analisando o Controle Social por uma ótica crítica e interligará com os Direitos Humanos e as garantias.

Para o presente trabalho, a despeito da breve exposição entre as Escolas Criminológicas, enfoca-se na perspectiva da Criminologia Crítica, ou escola influenciada pela Teoria Crítica dentro da Criminologia.

### 3.3.1 O estabelecimento da criminologia crítica

A criminologia crítica se desenvolve a partir da criminologia radical e da nova criminologia, segundo Andrade (2012). Essa criminologia, de modo inicial, não foi considerada como uma nova corrente criminológica, mas sim como uma "teoria materialista do desvio, dos comportamentos negativos e da criminalização" (Andrade, 2012, p. 53).

Baratta, como expoente do movimento que viria a ser institucionalizado como "criminologia crítica", não somente contribuiu de forma científica, mas também como militante dessa inicial perspectiva, a qual se institucionalizaria mais tarde, em uma escola criminológica.

"[...] mas sim de um processo de comunicação social que contém, em si, Uma expressiva dimensão pedagógica, seja pelo humanismo que lhe servê de base e condiciona, seja pelo modo inteiramente novo de fazer Criminologia e das rupturas diferenciações que por meio dela se instauram no saber e no tecido social.

[...]

Quem dialoga com a obra de Alessandro Baratta conhece tanto o seu vigor epistemológico e analítico quanto suas preocupações emancipatórias. E é a parceria destes aspectos que faz dela uma presença decisiva para a Criminologia crítica.

[...]

para compreender aquela militância científica, o caminho mais fidedigno é, antes de mais nada, constatar que O grande e permanente objeto da Criminologia crítica, na obra de Baratta, é o homem, e a emancipação humana, o projeto e o processo utópicos perseguidos" (Andrade, 2012, p. 54).

A teoria de Baratta, para Andrade (2012), dialogou diretamente com o contexto Latino-Americano e teve uma essencial importância nas criminologias críticas da Europa, da América Latina e do Brasil, em cooperação com diversos grupos de estudos dispersos pelas regiões. A exemplo do Brasil, múltiplos centros de estudos mantiveram diálogos e

colaborações com Alessandro Baratta, como no Paraná, com Juarez Cirino dos Santos; no Rio de Janeiro, através da Sociedade Brasileira de Vitimologia, com Ester Kosovski.

Mais instituições também entram nessa lista, como o Instituto Carioca de Criminologia, com Nilo Batista e Vera Malaguti de Souza Batista; em São Paulo, através do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais, no Rio Grande do Sul, através da Organização Não Governamental Themis - Assessoria Jurídica e Estudos de Gênero; em Brasília, com Emílio Garcia Mendez; e em Santa Catarina, através do Curso de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina.

Na linha teórica e interpretação da professora Vera Regina Pereira de Andrade (2012), não houve uma imposição e importação da teoria de Baratta ao contexto latino-americano, diferentemente do processo de colonização intelectual pelo positivismo e da velha Criminologia, anteriores ao processo da Criminologia Crítica. O diálogo, promovido pela teoria do Baratta, que foi recepcionado, propiciou um desenvolvimento crítico das conjecturas, em paralelo ao contexto latino-americano, em oposição ao ocorrido na região com a Criminologia Clássica. Nas palavras de Baratta:

“Creio que foi suficientemente demonstrado que o domínio da criminologia positivista no continente latino-americano representou um elemento funcional no desenvolvimento das relações de dominação nesta área, especialmente na transição da colônia para o domínio de minorias proconsulares' característica da época do neocolonialismo a partir de finais do século passado [XIX]. Da mesma forma, o conceito de 'transculturação punitiva' serviu claramente para ilustrar o modo artificial e totalmente alheio aos interesses das minorias dos países latino-americanos, com os quais a ciência penal europeia e a criminologia positivista se transladaram do exterior à realidade política dos países da região” (Baratta, 1990, p. 146-149 *apud* Andrade, 2012, p. 61-62).

Assim como citado de modo anterior no presente trabalho, o século XX foi o século das transformações, nas palavras de Garland (2008). Mudanças de cunho político, sociais, culturais e econômicas. Para Garland, a maior força de transformação no século XX, que gerou impactou ainda até a atualidade, foi a dinâmica da produção e trocas capitalistas. O processo de acumulação de capital, proveniente dos eventos militares das guerras, buscas por novos mercados e aumento de lucros.

E no caráter das intensas transformações no século XX nas sociedades, surgiram também revoluções nos pensamentos. A ordem do positivismo, proveniente do fenômeno da Modernidade, passa a ter contraposições em diferentes escolas de conhecimento, conforme Castro e Codino (2017). Então, a partir dessa transição de paradigmas das epistemologias, oriundas-se variadas antíteses. O positivismo, de caráter vertical, globalizado, dotado de suposta racionalidade, passa então por uma transição para o pensamento pós-moderno, com características opostas, sendo de natureza mais horizontal, participativa e local.

Dentre as mudanças de paradigmas nos pensamentos, surgiu o fenômeno da Teoria Crítica, em oposição a criminologia clássica, a qual bebia diretamente da fonte do positivismo. A Teoria Crítica, carrega em si um antipositivismo e antiautoritarismo, influenciando diretamente na Criminologia Crítica ou Nova Criminologia, trazendo ainda consigo uma antipsiquiatria, a qual contrapunha os fundamentos biopsicológicos da Criminologia Clássica.

Das influências sobre a Teoria Crítica, a maior influência, nas palavras de Castro e Codino (2017), foi a filosofia da Escola de Frankfurt. Muitos filósofos alemães, a exemplo de Adorno, Horkheimer e Habermas, compuseram o pensamento. Nessa sequência, Ortiz (2023) afirma que coexistem três pontos dentro da Escola de Frankfurt que merecem destaque: Arte, cultura e teoria crítica. Estes são conceituados como elementos negativos, por negarem a ordem social vigente. Aqui, o elemento da arte se opõe a ordem da cultura de massa; o elemento da cultura se opõe a ordem da civilização; e a teoria crítica se opõe a ordem de positivismo.

Por conseguinte, afirma-se, segundo Castro e Codino (2017), a Teoria Negativa é a que constitui a Teoria Crítica, em razão do Positivismo representar uma Teoria Positiva; nesse caso, a Teoria Crítica passa a dotar uma natureza Anti-Positiva. O conjunto de pensadores associados à Escola de Frankfurt foi influenciado pelo marxismo, porém a crítica proposta por eles origina uma crítica da ideologia ou crítica cultural. Ou seja, a crítica cultural se opõe a uma Teoria Convencional.

O surgimento da Teoria Crítica coincide no momento da modernidade tardia, ou capitalismo tardio. Este momento, já numa fase posterior ao marxismo original, emerge em meio a um período de complexidade, relativo a revolução comunicacional ou aldeia global. As relações de comunicação entre as pessoas passam a ter uma influência maior da tecnologia, em um sentido maior de globalização.

À vista disso, a Escola Frankfurtiana propõe a possibilidade e ideia de perigo no momento em que os pensamentos se estagnam e tornam-se inflexíveis, transformando-os em atitudes autoritárias. E para a não-estagnação das ideias, indo em um caminho de diálogo entre as partes.

“Em consequência, postula-se que função da teoria é a de desmascarar todo tipo de legitimação ideológica e de exigir uma discussão racional de toda relação fática de poder. O poder, pois, senta-se no banco dos réus, como já vimos na Criminologia Radical. A ela se chegava através do compromisso social, mesmo que nunca se apontou pelo perigo dos autoritarismos derivados. Outro elemento da Escola de Frankfurt é a consideração de que a prática teórica é transformadora, o que equivale a dizer que construir conhecimento é potencialmente construir mudanças” (Castro; Codino, 2017, p. 312).

Sendo assim, a Criminologia Crítica, influenciada pela ótica da Teoria Crítica da Escola Frankfurtiana, e sua maior institucionalização ao longo das décadas e por diferentes criminologistas, expõe alguns pontos. Dentre as quais, conforme Castro e Codino, 2017, podem ser citadas: A dúvida sobre a ordem do poder e o exercício do poder, liberação das relações ocultas de poder e a hipocrisia pelas classes de interesses; A necessidade de haver crítica, de modo consistente e permanente, em cenários sociais, políticos e ideológicos.

Ademais, outros pontos também incluem: Todos os seres humanos devem ser compreendidos como tais, sem supressões sociais e de felicidade; Importância do imperativo jus-humanista; Compreensão que todos os seres humanos são iguais, ainda que distintos entre si, através da garantia do direito de todos, reconhecendo a diversidade e que os ditos “diferentes” sejam a maioria frente as normas sociais e de quem dita a lei.

Para além disso, como o “ser diferente” é um fenômeno oriundo de uma etiqueta de normalidade, logo o sujeito “diferente” não deve estar submisso aos elementos do etiquetamento. A proposta teórica da Criminologia Crítica estabeleceu-se como escola, e não mais somente como uma crítica às outras tendências, ganhando autonomia e independência.

### 3.3.2 A criminologia crítica como pós-moderno na atualidade

Alessandro Baratta é o maior expoente da Criminologia Crítica, tendo importância fundamental e essencial para a institucionalização dela como pensamento criminológico e para sua independência teórica. Ressalta-se que tal Escola também tem ramificações, entretanto, a limitação será relativo a ótica de Baratta.

Para Baratta (2011), a corrente de pensamento criminológico crítico propunha no modo de análise e do pensar uma contraposição à escola da criminologia positivista anterior, a qual utilizava ideias e termos biopsicológicos em suas análises. Todavia, a mudança de enfoque de ideias ao longo das décadas na criminologia perpassou do aspecto essencialmente criminal para aspectos de análise mais sociológicos e mecanismos sociais.

Ou seja, esta criminologia realiza um recorte da realidade comportamental do delito em questão e relaciona tal realidade com a estrutura social, seja ela funcional ou disfuncional, tentando superar um paradigma mais institucionalizado com a criminologia positivista, com viés biopsicológico.

"Opondo ao enfoque biopsicológico o enfoque macrossociológico, a criminologia crítica historiciza a realidade comportamental do desvio e ilumina a relação funcional ou disfuncional com as estruturas sociais, com o desenvolvimento das relações de produção e de distribuição. O salto qualitativo que separa a nova da velha criminologia consiste, portanto, principalmente, na superação do paradigma

etiológico, que era o paradigma fundamental de uma ciência entendida, naturalisticamente, como teoria das causas da criminalidade” (Baratta, 2011, p. 160-161).

Nessa condição, a criminologia crítica enfatiza a realidade social do indivíduo, como ponto de partida para o início da compreensão do delito na sociedade, superando a perspectiva biológica, linha inerente na antiga criminologia.

Baratta (2011) não só expõe a distinção fundamental entre a antiga perspectiva criminológica, como também intensifica os elementos das bases do pensamento da teoria crítica. O delito não se constitui mais como uma particularidade ontológica de certas condutas do indivíduo e sim, como uma atribuição de *status*.

Esse *status* é atribuído em face de dois elementos: a seleção de bens protegidos naturalmente e as condutas que lesariam esses bens, além da escolha dos indivíduos estigmatizados dentre os indivíduos que realizam alguma infração as normas penais. Em sinalização a linha do sociólogo Sack (1966, p. 469 *apud* Baratta, 2011, p. 161), a criminalidade trata-se de uma espécie de "bem negativo", o qual é distribuído de modo desigual em consonância a hierarquia de interesses pelo sistema socioeconômico, levando em consideração ainda a desigualdade social entre indivíduos.

Existem críticas pertinentes ao direito penal e este é equiparado como direito igual, erroneamente (Baratta, 2011). O direito penal tem correlação com a ideologia penal da defesa social, o qual destaca-se que: O direito penal protege todos os cidadãos de modo igual (princípio do interesse social e do delito natural) e a lei penal é destinada a todos de modo igual (princípio da igualdade).

Não somente isto, mas ele demonstra que a ideologia penal constitui-se como um mito, demarcando que o direito penal não defende todos e somente os bens essenciais e de modo igualitário. Quando há punição, pune as ofensas aos bens considerados essenciais e é feito com intensidade, de modo desigual e fragmentado pela sociedade.

Do mesmo modo, a lei penal não é igualitária a todos, pois o status de criminoso é distribuído de modo desigual entre os cidadãos. Em linhas gerais, o direito penal não é igualitário, assim como em outras áreas do direito, é concepção aparente, pois o direito é desigual por excelência. Uma das linhas de estudo da teoria crítica parte do pressuposto da desigual distribuição de recursos.

Não há como em se falar em igualdade jurídica, igualdade no sistema penal e no sistema social de modo paralelo a existência de desigualdades entre os indivíduos. Em diversas sociedades, a igualdade entre os cidadãos é uma falácia, assim como no direito penal também não existe tal conceito. Assim como também não há de se falar em igualdade

material, sendo esta com uma diferenciação mais profunda e enraizada nas sociedades capitalistas.

O jurista afirma que, as chances de ser definido com um desviante da norma social depende de fatores como a desigualdade substancial dos indivíduos e do sistema de direito desigual. A fundamentação das condutas lesivas, baseado na natureza das coisas, perde certo sentido ao ser objeto do direito penal.

E essa mesma fundamentação constitui-se como uma ideologia, na qual tenta camuflar que o direito penal tem tendência a privilegiar classes mais dominantes, blindando esses mesmos indivíduos quando assumem condutas lesivas, os quais são ligados intrinsecamente a acumulação do capital, conduzindo ainda a criminalização das condutas desviantes de classes mais baixas.

Observa-se a partir dessa exposição que o direito penal tem caráter extremamente seletivo. A seleção por este mesmo direito penal dos desviantes, ou da dita “população criminosa”, concentra-se em classes sociais mais baixas economicamente, com condições insatisfatórias de trabalho e renda, além de grupos que tenham problemas de socialização familiar e escolar. A estes indivíduos é condicionado um status criminoso, pela perspectiva da criminologia liberal e criminologia positivista, tentando justificar que estes mesmos são os agentes de criminalidade.

Ainda nessa linha de pensamento, o direito penal, para Baratta (2011), é uma ferramenta de produção e reprodução da desigualdade entre indivíduos e suas posições na sociedade e a escolha da aplicação seletiva das sanções, denominadas aqui como ações penais estigmatizantes, em especial a privação de liberdade, é um momento de manutenção da escala vertical da sociedade, fazendo com que, desse modo, impeça a ascensão social de classes mais hipossuficientes. Em paralelo, uma outra função simbólica da pena trata das punições de certas condutas na sociedade, em detrimento do amparo de outros comportamentos ilegais, os quais permanecem imunes ao processo de criminalização.

Quanto a cárcere, trata-se de uma ferramenta de perpetuação da desigualdade entre pares na sociedade. O seu nascimento na sociedade moderna compara-se ao nascimento da sociedade capitalista, uma vez que numa sociedade capitalista há a subordinação do trabalhador ao detentor dos meios de produção, a separação da força de trabalho e o controle dos capitalistas aos trabalhadores, em uma analogia ao funcionamento de uma fábrica.

O sistema penal seleciona indivíduos de zonas mais marginalizadas, o qual observa-se determinados “defeitos”, que são observados desde a socialização primária na

idade pré-escolar. Zonas estas que, pouco recebem atenção das autoridades estatais e são separadas do convívio e exercício da cidadania, como modo de conservação da desigualdade.

“O cárcere representa, em suma, a ponta do iceberg que é o sistema penal burguês, o momento culminante de um processo de seleção que começa ainda antes da intervenção do sistema penal, com a discriminação social e escolar, com a intervenção dos institutos de controle do desvio de menores, da assistência social etc. O cárcere representa, geralmente, a consolidação definitiva de uma carreira criminosa” (Baratta, 2011, p. 167).

Para o teórico, nas classes mais baixas, a função selecionadora passa a ser marginalizadora. Enquanto isso, o sistema escolar é um conjunto que reflete a hierarquia vertical das classes na sociedade e também tem sua parcela de contribuição para a manutenção dessa mesma hierarquia, através da discriminação e da marginalização.

Nessa linha, a criminologia crítica encaixa-se como pós-moderna. A modernidade foi permeada por dois extremos, denominados como Positivismo e Marxista, ao longo do século, e suas buscas pela racionalidade. O momento posterior, denominado como Pós-Modernismo ou Pós-Modernidade, estimulou o pensamento flexível, característica marcante das Teorias do Conflito; e o combate ao pensamento rígido.

As mudanças de paradigmas entre Modernidade e Pós-Modernidade são marcantes, entre Certo e Incerto, Previsível e Caótico, Organizado e Complexo, Centralidade do discurso e Pluralidade de saberes, Hegemonia da razão e Espaço para a intuição. Como destaque e integrante da Pós-Modernidade, a Criminologia Crítica suscita a crítica a rigidez de pensamentos, a valoração do diálogo, a complexidade do mundo, a desconstrução de ideias pré-definidas, a pluralidade de realidades, a horizontalidade entre os âmbitos.

## **4 O FENÔMENO DO CONTROLE SOCIAL DOS YANKEES A LUZ DA TEORIA CRÍTICA DA CRIMINOLOGIA NOS MANGÁS JAPONESES**

Como bem citado anteriormente, e reafirmando, não existe igualdade jurídica, igualdade no sistema penal e no sistema social, enquanto coexistem desigualdades entre os indivíduos. A perspectiva da igualdade, em múltiplas sociedades, trata-se, na realidade, de um engano teórico e moral, bem como também há a compreensão que não existe igualdade dentro do direito penal, a despeito de variados casos.

Na perspectiva do presente trabalho, entre os adolescentes e jovens que aderiram a gangues urbanas japonesas, há uma larga e estreita brecha em relação aos adolescentes de família com maiores concentrações de renda. Não obstante, a aderência aos grupos perpassa por vários elementos já existentes, os quais sugerem certa vulnerabilidade social e econômica de tais jovens. Tal fato também é perceptível em um relevante parcela das obras com tal temática delinquente, mesmo sob a ótica ficcional dos mangás.

### **4.1 O controle social dos yankees no Japão**

O termo yankee é utilizado no sentido de adolescentes e jovens que mantêm um comportamento desviante do que é a norma social no Japão. Pronunciado como “yankī”, esse termo tem origem do inglês, que é uma palavra de baixo calão para os americanos (Junji, 2023). Há muitas teorias para tentar explicar como o termo em inglês foi importado para a língua japonesa, especificamente para os delinquentes, mas nenhuma delas muito conclusiva.

O termo de baixo calão chegou em Tóquio, se espalhando para Osaka e depois para outros lugares. O mundo yankee é atraente para os jovens em decorrência também de uma questão estética e chamativa. Ademais, o Japão passou por uma grave crise econômica pós-Segunda Guerra, todavia, a melhoria econômica do país estava atrelada paralelamente a enraização das estruturas sociais com a guerra.

Apesar da Guerra, o sentimento coletivo em decorrência disso foi forte e trouxe um sentido de unicidade à comunidade japonesa. Entretanto, ser um cidadão japonês significaria ser também considerado como uma engrenagem para a grande máquina e para o sistema. Não somente isso, mas um sistema maior que a própria sociedade japonesa é o sistema capitalista, baseado na acumulação de capital acima de tudo.

Em um momento de melhoria e mais prosperidade econômica após a Guerra, uma parcela dos jovens passaram a se rebelar contra o sistema, recusando a ser como engrenagens na grande máquina e viver uma vida como empregados de empresas. A comunidade, ao mesmo tempo que oferecia estabilidade econômica, também roubava a liberdade deles.

Então, figuras de autoridade, como pais e professores, passavam a ser figuras de receio, por atentarem contra a liberdade dos jovens. Buscava-se a liberdade e não uma estabilidade pela imposição dos adultos e pelo sistema. A partir desse contexto, observa-se claramente um controle social da juventude no Japão. Não somente daqueles sujeitos que transgrediam normas sociais na escola, na família e em outros círculos, mas também um controle de qualquer jovem que possa transgredir uma ou mais normas, não sendo esses isentos dessa repressão.

#### 4.1.1 A sociedade japonesa

Além disso, é essencial destacar que as mudanças ocorridas no pós-guerra foram profundas na sociedade, especialmente na japonesa, diretamente envolvida com a Segunda Guerra Mundial e também sofrida com os ataques nucleares no país.

O teórico Garland (2008) também afirma que, as mudanças ocorridas pós-Segunda Guerra Mundial, mais notadamente na segunda metade do Século XX, foram altamente relevantes e em larga escala, afetando vários âmbitos, desde econômico, cultural, social e até político. O autor, em específico, escolhe o termo "pós-modernidade do século XX" para caracterizar tal marca temporal.

Em destaque, este demonstra que cinco elementos e fenômenos que modificaram as relações foram: dinâmica da produção capitalista consoante as trocas mercantis e avanços na tecnologia, reestruturação da família e do lar, transformações na ecologia social de cidades e subúrbios, ascensão do *mass media*<sup>8</sup> eletrônicos e democratização da vida social e cultural. Assim afirma:

“Estas grandes forças de mudança histórica transformaram a textura do mundo desenvolvido na segunda metade do século XX - até o ponto das economias de mercado globais e do sistema de Estado-nação, até as profundezas da vida diária e das dinâmicas psicológicas das famílias e dos indivíduos. Enquanto a silhueta da modernidade capitalista e democrática ainda marca nossa existência social, a segunda metade do século XX foi vincada por mudanças profundas no modo em que a vida é vivida - mudanças que têm tido implicações importantes para questões relacionadas ao crime e ao seu controle. A discussão sobre qualquer uma destas tendências de mudança social entrelaçadas leva à discussão das demais. Aqui, começo e encerro com aquelas que considero as forças transformadoras mais básicas dos tempos modernos: a força econômica da competição capitalista e a luta por igualdade social e política” (Garland, 2008, p. 185).

É inegável afirmar que não houve mudanças de natureza profunda nas sociedades no século XX, notadamente na segunda metade, de forma rápida e intensa, afetando concorrentemente também as relações familiares e sociais. Não obstante, o Japão também

---

<sup>8</sup> *Mass media*, do inglês. Traduzido como “mídia de massa”.

perpassou por uma grave crise pós-guerra, seguido de uma tentativa de reestruturação econômica, social e coletiva no país.

As mudanças também foram intensas e profundas, de forma que alterou também significativamente as relações entre pessoas, afetando também a classe jovem. Em consequência, é inegável também a relação entre o aumento da vulnerabilidade social à época, provocado pelas intensas mudanças e o aumento do novo movimento juvenil que estava surgindo, com viés transgressor das normas sociais.

Consoante ao presente trabalho, faz-se relevante também citar um outro destaque nesse contexto. A criminalidade do Japão é extremamente baixa, comparada a maioria dos países, segundo dados da OECD Better Life Index (202-). A exemplo, a taxa de homicídios, ou seja, o número de homicídio a cada 100.000 (cem mil) habitantes, segundo os últimos dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, é de somente 0,2 homicídios a cada cem mil habitantes. Em comparação, a média da taxa de homicídio dentre todos os países integrantes da OCDE, é de 2,6, tornando assim, o Japão ser um dos países com maior segurança dentre os países integrantes.

Sendo assim, a ocorrência de determinados crimes, a exemplo do homicídio, acaba acarretando uma reação muito intensa por parte da população japonesa, a depender do contexto, comparado a outras realidades, como a realidade brasileira.

#### 4.1.2 Desigualdade social e controle social

Apesar de ser elencado um período diferente do auge do fenômeno *bosozoku* no Japão, no trabalho de D'Orangeville (2014), é destacado como discursos estigmatizantes da juventude local, notadamente nas décadas de 1990 e 2000, representaram um perigo para a nação. Para o autor, há um discurso notável no Japão, analisando nesse recorte temporal definido, que os jovens japoneses são mais assassinos e mais "monstruosos" que gerações mais antigas.

E essa hipótese dos jovens têm uma tendência mais delituosa que os mais antigos, acaba por gerar uma ansiedade coletiva. Tal discurso que, inicialmente, surgiu com base em alguns grupos específicos e outros indivíduos, como delinquentes juvenis, acabou por acentuar mais ainda essa estigmatização, ao ponto de acusar que todos os jovens adotam tais condutas. Esse discurso evoluiu e tornou-se mais hegemônico na década de 1990 e 2000 (tradução nossa).

D'Orangeville (2014) realiza uma breve exposição de um caso verídico ocorrido em 1997, na cidade de Kobe, Japão. O corpo de um aluno de onze anos, decapitado, chamado

Jun Hase, foi encontrado do lado de fora de uma escola do fundamental. A reação e grande comoção com o caso na mídia foi estarrecedor à época e os jornais construíram uma narrativa de psicopatia atrelado ao criminoso.

No mês seguinte, um aluno de quatorze anos foi preso, suspeito pelo assassinato. Em decorrência de uma lei (Shônenhō) que protege a identidade dos menores de idades, a identidade do suspeito não foi revelada. Entretanto, a mídia atrelou o nome do suspeito pelo termo “jovem garoto A” (Shounen A). As únicas informações sobre o suspeito seria que ele era “um garoto normal, de classe média comum, nascido em uma família unida com seus pais e os três filhos”.

Posteriormente, um conjunto de crimes ocorridos em 2000, com suspeitos serem adolescentes na faixa dos dezessete anos, também marcaram muito nas mídias. A junção desse crime cometido em 1997 com crimes posteriores no ano de 2000, causaram na mídia uma reação e construiu uma suposta narrativa que, jovens nessa faixa de idade seriam criminosos em potencial. Aparentemente, os outros suspeitos também faziam parte de uma classe média comum e todos sendo do sexo masculino.

A junção desses elementos em comum, sem uma análise mais aprofundada dos históricos de vida dos jovens e outras informações, foi o suficiente para a construção coletiva de uma visão que, adolescentes poderiam ser futuros criminosos, fazendo um ignorante recorte por idade.

Através de um estudo do conteúdo de publicações sobre a juventude japonesa, sejam delinquentes ou não, direta ou indiretamente, D’Orangeville (2014) analisa os discursos mais comuns proferidos na mídia. Percebeu-se então uma similaridade de discursos. Um dos discursos mais repetidos é a ideia que os jovens, faziam parte de uma espécie de “nova raça” entre o povo japonês.

Os problemas da juventude àquela época como “nunca vistos antes e perigosos [...] As crianças de hoje são verdadeira e fundamentalmente diferentes das crianças de antes” (Kusanagi, 2005, p. 109 *apud* D’Orangeville, 2014, p. 271). Há um discurso predominante entre essas publicações analisadas no artigo e de viés muito positivista e estigmatizante. “As crianças do passado, quando educadas normalmente, tornavam-se indivíduos que não cometiam crimes. Hoje em dia, mesmo quando educadas e criadas normalmente, é provável que um jovem cometa um crime” (Miyadai e Kayama, 2001, p. 163 *apud* D’Orangeville, 2014, p. 271).

A partir dessas análises, identifica-se uma hegemonia nos discursos midiáticos sobre a juventude. Irrefutavelmente, há uma elevada generalização sobre os adolescentes na

sociedade japonesa, e especialmente após a série de crimes supracitados aqui. As narrativas veiculadas nas mídias acabam por influenciar a interpretação e o imaginário coletivo da população, conseqüentemente, influi na visão sobre os jovens.

Esse viés, apesar da distância temporal, tem uma grande similaridade com os elementos da ultrapassada criminologia clássica e a suposta identificação dos sujeitos desviantes sociais, a partir dos aspectos físicos. Neste caso, apesar de não partir de aspectos genéticos, o elemento em comum utilizado pela mídia e reverberado para a população para definir um suposto criminoso em potencial é a idade.

Ao aplicar uma lógica entre as situações, observa-se uma interessante hipótese produzida. Vejamos: Se a mídia japonesa, no intermédio da década de 1990 e anos 2000, informou que um dos pontos em comum entre os crimes cometidos por adolescentes era a classe social (classe média comum), o que dizer caso um dos suspeitos fosse oriundo de uma classe social mais baixa?

Um dos fortes aspectos positivistas inferidos a criminologia foi a associação entre um sujeito pobre e um sujeito delinquente. Houve uma forte estigmatização para com a juventude, mas ainda assim, essa última correlação entre a classe social e o crime é um aspecto fortemente reverberado nas sociedades, ainda que na atualidade.

Um deslocamento e atribuição de responsabilidade também é identificado. Sendo o Estado o ente responsável por prover a segurança da população e a formulação de políticas públicas, os delinquentes já são os “frutos ruins” da equação na sociedade. O sistema capitalista e as normas sociais vigentes, juntamente com o Estado, imputam não raramente, um “bode expiatório”, pela existência da violência e das mazelas na sociedade. A desigualdade entre classes é um essencial instrumento para que o sistema punitivo consiga promover a manutenção do *status quo*, através de um viés seletivo de sistema punitivo.

#### **4.2 Os mangás japoneses com temática yankee e bosozoku**

As produções com essa temática eram mais frequentes na década de 1980 e 1990. Na atualidade, existe um número muito menor. Segundo Riessland (2013), anteriormente, existiam quatro revistas (*Teens Road*, *Rider Comic*, *Young Auto* e *Champroad*), os quais abordavam aspectos de interesse dos grupos *bosozoku*. No entanto, existe uma única revista na atualidade, a *Champroad*, mensal, a qual sobreviveu, com tiragem de mais de 25 anos. Esta última revista, demonstrava através de histórias, fotografias e desenhos aspectos dos membros desses grupos também.

Mas, diferentemente das outras, esta revista abordava violência de uma forma mais simbólica: Cenas de violência apareciam sob um contexto socialmente aceito, como por exemplo uma cena de luta de boxe, ou então uma cena de luta com artes marciais, através de desenhos de mangá, portanto sob uma ótica ficcional.

Não somente isso, mas a revista *Champroad* usou artifícios para não demonstrar violência explícita na publicação. Afinal, qualquer sugestão de incitação a violência que a revista promovesse poderia resultar em uma restrição de publicações ou até mesmo encerramento pelas autoridades policiais japonesas. Os artifícios utilizados pelos editores da revista, para não explicitar, são a representação de integrantes *bosozoku* com posturas intimidadoras em fotografia, além de adicionarem elementos às representações, como um taco de baseball na mão de um jovem, sugerindo uma certa conduta violenta.

Para o presente trabalho, alguns mangás foram selecionados para uma análise das histórias de fundo, bem como de seus respectivos personagens, através da ótica da Criminologia Crítica, a partir essencialmente da teoria de Alessandro Baratta. Ordena-se aqui os selecionados: “Yu Yu Hakusho”, de Togashi Yoshihiro; “Bakuon Rettou”, de Takahashi Tsutomu; “Crows”, de Takahashi Hiroshi; e “Hot Road”, de Tsumugi Taku.

#### 4.2.1 Análise das histórias de fundo sob ótica criminológica crítica

Dentre as obras selecionadas para o presente trabalho, com recorte da temática da delinquência juvenil apresentada de alguma forma, inicia-se com uma análise do mangá “Yu Yu Hakusho”, roteirizado e desenhado pelo mangaká Togashi Yoshihiro. Publicada entre 1990 e 1994, com o total de 19 volumes e 176 capítulos, na revista shounen semanal *Shounen Jump*, da editora Shueisha, a obra contém temas de ação, aventura, comédia e sobrenatural (MyAnimeList, 20--). Tornou-se um grande sucesso comercial, com adaptação para anime após dois anos de publicação e licenciado para diferentes países. No Brasil, foi publicado pela editora JBC, entre 2002 e 2004 (Biblioteca Brasileira de Mangás, 2022). Recentemente, a obra também passou por uma adaptação em formato live-action<sup>9</sup>, em 2023, pela Netflix.

---

<sup>9</sup> Formato de mídia que utiliza atores e atrizes reais.

Figura 3 - Capa original do primeiro volume do mangá "Yuu☆Yuu☆Hakusho"



Fonte – MyAnimeList, 20--

A obra tem como protagonista Yusuke Urameshi, um adolescente de 14 anos, considerando um estudante rebelde e delinquente pelos professores e colegas. De comportamento arreado e sempre envolvendo-se em brigas com outros estudantes, comete uma ação em um determinado dia, que mudaria sua vida. Ao salvar uma criança desconhecida na rua, acaba sendo atropelado por um carro em alta velocidade e morre.

Ao morrer, torna-se um fantasma e entra no mundo espiritual, “reikai”. Guiado por uma guia espiritual dos mortos, chamada Botan, ao lado do chefe do mundo dos mortos, Koenma, recebe uma segunda chance, de passar pela ressurreição. Se passar no raro teste promovido pelo líder Koenma, devendo realizar boas ações para alcançar esse objetivo, ganha a oportunidade de finalmente voltar à vida novamente.

Logo no início da obra, o protagonista Yusuke é retratado como um típico yankee, baseado num arquétipo de personagem comum delinquente em mangás, com um penteado de cabelo característico, usando um linguajar rude, aparece fumando nos corredores da escola e envolve-se em brigas. Suas colegas de escola também ouvem e espalham boatos sobre ele, como por exemplo, que Yusuke, supostamente, teria sido convidado a se juntar a três quadrilhas de criminosos, enquanto nenhum grupo da escola consegue derrotar ele em brigas também.

Figura 4 – Colegas da escola falam dos boatos sobre Yusuke Urameshi



Fonte – Yu Yu Hakusho vol. 1 (JBC 1ª ed.), 2002a

Ao observar a ambientação<sup>10</sup> e o início do desenrolar do enredo, identificamos um fato social muito presente na obra, também repetido em outros mangás. Conceito teorizado por Durkheim (2007), afirmava que o fato social era constituído por três elementos essenciais: coercitividade, generalidade e externalidade.

O dever de ser um “bom aluno” é impositivo aos estudantes devido a tais requisitos preenchidos: A moral a ser seguida é ação externa ao indivíduo, sendo uma moral oriunda do coletivo e do ambiente; A imposição vertical de seguir as normas sociais de um bom aluno também aplicam-se a todos os estudantes, não somente para um ou outro; e a pressão social sobre a conduta a ser seguida é coercitiva, mesmo que contra a vontade do indivíduo. Assim, Durkheim expõe sobre a impositividade das condutas.

“Certamente, quando me conformo voluntariamente a ela, essa coerção não se faz ou pouco se faz sentir, sendo inútil. Nem por isso ela deixa de ser um caráter intrínseco desses fatos, e a prova disso é que ela se afirma tão logo tento resistir. Se tento violar as regras do direito, elas reagem contra mim para impedir meu ato [...] Em se tratando de máximas puramente morais, à consciência pública reprime todo ato que

<sup>10</sup> A ordem de leitura dos mangás é distinta da ordem de leitura das histórias em quadrinhos ocidentais, sendo na ordem contrária. Lê-se na ordem da direita para esquerda, de cima para baixo. Assim, a ordem de leitura dos quadros e dos balões de fala deve ser a partir do canto superior direito, seguindo nesta ordem, finalizando no canto inferior esquerdo.

as ofenda através da vigilância que exerce sobre a conduta dos cidadãos e das penas especiais de que dispõe” (Durkheim, 2007, p. 2-3)

O dever e a moral de ser um bom aluno está presente, mas Yusuke transgredir essa coercitividade escolar. Logo após morrer em um acidente de carro, Yusuke encontra-se com Botan, a guia espiritual dos mortos. Esta faz uma revisão da vida dele e lista as condutas do adolescente quando estava vivo, sendo a maioria delas condutas consideradas como "desviantes". "Yusuke Urameshi, 14 anos, personalidade: rude, violento, impaciente e impulsivo. Além disso, é ladrão e burro. Ameaça, furto, briga, fumo, bebida, jogos de azar. Já foi levado pela polícia, etc, etc" (Togashi, 2002, p. 34).

Ou seja, pratica uma conduta desviante da norma imperativa naquele ambiente. Ao transgredir as normas e morais vigentes, não somente sociais, como penais também, Yusuke torna-se um criminoso, aqui demonstrado como um “yankee” ou delinquente. Em decorrência disso, recebe as penas, de natureza punitiva (após os delitos), como por exemplo, ser levado pela polícia (apesar de que essa ação não é mostrado na obra).

Além disso, é mal visto pelos estudantes da escola, e reprimido pela melhor amiga, pelos professores e pelo diretor. Também é ameaçado noutras vezes, em brigas com outros alunos. Essa percepção de conduta desviante é fortemente representada por um dos professores do Yusuke, logo no primeiro capítulo.

Figura 5 – Professor do Yusuke o repreende e ameaça



Fonte – Yu Yu Hakusho vol. 1 (JBC 1ª ed.), 2002a

Então, o crime no presente contexto trata-se mais de uma percepção do desvio do que realmente uma tipificação dos delitos que ele cometeu, levando em consideração o ambiente coercitivo e repressivo da escola e levando em consideração ainda o que foi exposto nos primeiros capítulos por Togashi Yoshihiro.

A coerção social também é demonstrada em outra situação, após uma briga entre os estudantes da escola Sarayashiki (escola do Yusuke), se defendendo, dos estudantes da escola Kasanegafuchi. Okubo, um dos personagens, recebe uma punição do professor, por estar envolvido na briga também.

Figura 6 – Professor chantageia Okubo e amigos



Fonte – Yu Yu Hakusho vol. 2 (JBC 1ª ed.), 2002b

O menosprezo ao grupo de amigos de Okubo, é proveniente de uma visão estigmatizada dos adolescentes pelos professores e diretor. A imputação de um “sujeito ruim” para a sociedade é revelada através desses capítulos. Okubo revela que necessita continuar a trabalhar para sustento da própria família, em decorrência de somente ter a mãe e os irmãos mais novos. O professor usa a suspensão da permissão de trabalho do personagem como chantagem, exceto se o grupo prometer e cumprir não envolver-se em brigas durante uma semana. O grupo aceita a chantagem. Posteriormente, o professor anuncia uma nova imposição: Todos devem pontuar acima de 50 pontos no próximo teste.

Kuwabara, um dos amigos de Okubo e também de Yusuke, por conta da relação muito próxima de amizade, cumpre sua promessa e não revida em todas as brigas que os outros alunos envolveram-no, mesmo que ele tenha se lesionado no processo por variadas vezes. Também passa a estudar dias e noites em claro para o próximo teste na escola, em busca dos 50 pontos.

Figura 7 – Kuwabara consegue passar no teste



Fonte – Yu Yu Hakusho vol. 2 (JBC 1ª ed.), 2002

Okubo não perde sua licença e volta a trabalhar. Mas aqui percebe-se que desigualdade econômica e social do personagem é exposta e utilizada como um meio de manter um viés punitivo sobre os personagens, ainda que não tenha tido uma natureza penal ao ponto de uma prisão. O viés seletivo de tratamento para com os personagens também é explícito, exibindo uma noção deturpada dos indivíduos.

Kuwabara se esforça para cumprir a imposição do professor, ainda que tenha uma aparência chamativa e se envolve em conflitos, é um adolescente de bom coração e que valoriza os amigos acima de tudo. Okubo causa brigas, mas preocupa-se profundamente com a família e é mais pobre. Nenhuma dessas qualidades individuais são levadas em consideração pelos docentes, mesmo por mérito próprio, justamente por conta da diferenciação de

tratamento entre esse grupo e dos alunos considerados como “normais”, para manutenção da desigualdade entre eles.

O mangá, focado muito mais no caráter do gênero de sobrenatural e aventura, esse último como sendo muito usual em mangás da demografia *shounen* (mangás com público-alvo mais definido para jovens garotos), aborda sobre a transgressão de Yusuke Urameshi em seus círculos sociais, seja no ambiente familiar, ambiente escolar e ambiente das amizades.

Quanto a abordagem pelo mangaká Togashi, consoante ao recorte do presente trabalho, é melhor identificada no início da obra e também na parte estética yankee. Yusuke, demonstrado inicialmente como “violento” por colegas de escola e “problemático” para professores, passa por uma espécie de jornada de redenção ao longo da obra, passando por várias situações de provação entre o mundo espiritual e o mundo humano, para então alcançar o objetivo de voltar à vida.

A segunda obra a ser analisada é “Bakuon Rettou”, com roteiro e arte de Takahashi Tsutomu. Publicada entre 2002 e 2012, com o total de 18 volumes e 105 capítulos, na revista seinen mensal *Afternoon*, da editora Kodansha, a obra contém temas de ação, drama, tragédia e psicológico (MyAnimeList, 20--). Especificamente da temática yankee, é um dos mangás mais prestigiados no meio. Foi licenciado para alguns países afora, dentre eles a França, pela editora Kana. No Brasil, até então, nenhuma editora licenciou.

Figura 8 – Capa original do primeiro volume do mangá "Bakuon Rettou"



Fonte – MyAnimeList, 20--

O enredo da obra centra-se em Kaze Takashi, um adolescente, durante o início da década de 1980. Os pais de Takashi mudam-se para um bairro mais isolado de Tóquio, com objetivo de transferi-lo de escola, além de deixá-lo mais distante de más influências. Na nova escola, acaba conhecendo adolescentes integrantes de uma gangue de motoqueiros (bosozoku). Fascinado por esse novo mundo, ele decide entrar na gangue.

Logo no início da obra, identifica-se certas problemáticas pertinentes e que irão permear o restante do enredo. Takashi é transferido para uma nova escola, em uma região mais calma e isolada. Os pais desejam que o filho fique distante de "gente errada", assim dito pela mãe no primeiro capítulo. A situação escolar anterior não é explorada minuciosamente, mas já é sabido pelos professores da nova escola e, assim como a mãe, advertem-no sobre o perigo de envolver-se com “indivíduos errados”.

Figura 9 – Professor e mãe de Takashi falam sobre possíveis más influências



Fonte – Tsutomu Takahashi, 2002

Com o passar dos dias na nova escola, Takashi conhece um colega de classe, descobrindo que ele faz parte de uma gangue de motoqueiros (bosozoku). Então, por intermédio do novo amigo, passa a frequentar círculos de bosozoku, conhecendo assim, então o grupo “ZEROS”.

Figura 10 – Takashi conhece a gangue “ZEROS” pela primeira vez



Fonte – Tsutomu Takahashi, 2002

No contexto que é apresentado, Takashi e seus amigos, os adolescentes do grupo de motoqueiro “ZEROS”, fazem parte de um sistema na sociedade japonesa, que rotulam-nos como desviantes da norma social. Em perspectiva da criminologia crítica de Baratta, Takashi e o grupo são marginalizados e passam por um processo discriminatório pelos seus respectivos círculos sociais, como a escola. Em uma determinada cena, uma mãe afasta quase desesperadamente sua criança do grupo, quando esta se aproxima casualmente deles na rua.

A maioria dos adolescentes também acumulam problemáticas familiares. O pai do Mitsuko, amigo responsável por mostrar o mundo dos boso-zoku pra Takashi, é um homem alcoólatra que vive com ele. Há uma forte relação, a partir das realidades mostradas no mangá dentre os personagens e seus respectivos enredos, de uma certa relação entre a vulnerabilidade social e a entrada aos grupos boso-zoku. Há ainda um forte desejo pelos adolescentes de poder superar limites, materializada em quebrar limites de velocidades através das corridas coletivas de motocicletas (chamadas de bakuon) e em desafiar outras gangues de boso-zoku.

À primeira vista, pode aparentar que os adolescentes da obra são empurrados para brigas entre gangues, desafios de corrida e outras atitudes consideradas como ilícitas, principalmente dentro do contexto japonês mais conservador, simplesmente pelo grande

desejo de diversão. Ao adentrarem às gangues, passam a assumir uma posição como delinquentes dentro da ordem social.

Entretanto, a partir de uma leitura crítica e utilizando a teoria de Baratta, identifica-se que as condições sociais que estes são inseridos os empurram para as gangues urbanas. E Cohen (1955, p. 26-27 *apud* Sato, 1988, p. 199-200), assim como anteriormente citado, as atitudes consideradas como ilícitas de jovens desses grupos não poderiam ser somente remetidas ao desejo de se divertirem, sem mencionar essencialmente a origem social destes e a distribuição desigual de oportunidades sociais.

Figura 11 – Takashi reflete sobre incertezas



Fonte – Tsutomu Takahashi, 2002

Um elemento perceptível no mangá é a naturalidade que o mangaká retrata as dificuldades e obstáculos que os personagens passam. Existe uma grande organicidade nos personagens: Não existe o bem ininterruptamente neles, assim como não existe o mal ininterruptamente também. São jovens, essencialmente humanos, que falham e acertam. E são conscientes da representação e imputação neles como agentes criminosos naquele contexto.

Figura 12 – Takashi traduz a representação do grupo a sociedade

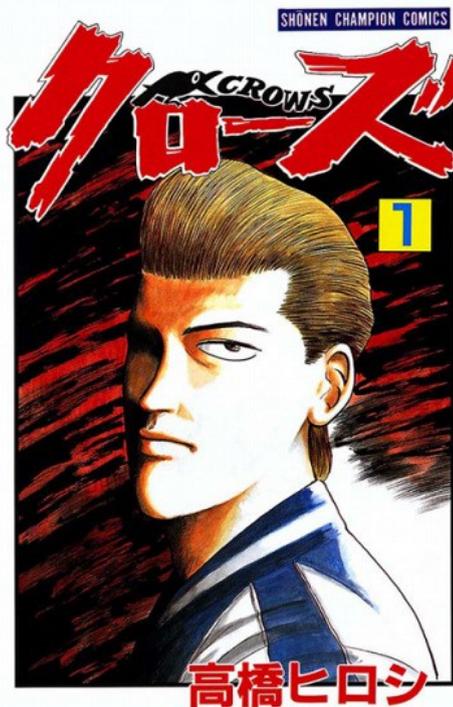


Fonte – Tsutomu Takahashi, 2002

Porque há uma norma vigente na sociedade. Há uma seletividade dos grupos, que imputa “bodes expiatórios”, selecionados pela classe dominante e pelo sistema capitalista. Esses grupos serão, supostamente, os responsáveis pelas mazelas da sociedade em questão. E essa seleção tem um viés muito objetivo, voltado principalmente para grupos mais vulneráveis, como por exemplo, os sujeitos pobres, de baixa instrução e com problemas estruturais na família.

A terceira obra a ser analisada é “Crows”, com roteiro e arte de Takahashi Hiroshi. Publicada entre 1990 e 1998, com o total de 26 volumes e 98 capítulos, na revista shounen mensal Shounen Champion, da editora Akita Shoten, a obra contém temas de ação, comédia, drama e escolar (MyAnimeList, 20--). Com diversas continuações e séries spin-off, é uma das séries mais expoentes na temática yankee. Licenciado para poucos países no ocidente, foi publicado na Itália pela editora Panini Comics e na Espanha pela editora ECC Ediciones. No Brasil, até então, nenhuma editora licenciou.

Figura 13 – Capa original do primeiro volume do mangá "Crows"



Fonte – MyAnimeList, 20--

A obra conta a história de Harumichi Bouya, um estudante do ensino médio transferido na metade do ano para a escola Suzuran. Entretanto, essa não é uma escola comum e é conhecida como Crow High, uma escola para todos os delinquentes. Bouya quer ser o lutador número um de toda a escola e para isso, acaba desencadeando uma série de eventos de conflitos e brigas entre gangues de outras escolas na região.

No início, já é exposto que o protagonista tem uma força descomunal e facilmente vence as pessoas usando apenas os punhos. Logo ao chegar na nova escola, Bouya entra numa briga entre outros estudantes e acaba vencendo, apenas usando poucos socos. O protagonista, através do novo amigo Yasuda, descobre sobre uma hierarquia já existente entre os grupos na escola Suzuran, com seus respectivos líderes e subordinados, todos estudantes. Nesse sentido, a transferência de Bouya para a nova escola acaba irritando os líderes dos grupos da escola.

Figura 14 – Yasuda explicando a rivalidade entre os grupos



Fonte – Hiroshi Takahashi, 1990

Apesar de Bandou ser um do líder de um dos grupos da escola e tendo cento e vinte alunos subordinados, nas palavras de Yasuda, ainda é facilmente derrotado pelo protagonista Bouya. Ao longo dos capítulos, ele continua a derrotar outros alunos hierarquicamente importantes e constrói sua reputação, ao passo que atrai cada vez mais rivais na escola Suzuran e de outras escolas ainda. Sua reputação também vai atraindo outros alunos interessados e dispostos a ser subordinados dele. As gangues aqui não são gangues de motoqueiros e sim gangues de escola, apesar de alguns dos personagens terem motocicletas, porém é um ponto mais secundário.

Embora Bouya possa ser considerado como um idiota, ele é forte e causa muito impacto na escola nova, em pouquíssimo tempo de transferência. Todos os estudantes da escola são adolescentes delinquentes, representados de uma forma bem característica, como sendo muito altos, fortes, com penteados chamativos e aparências muito mais adultas do que a idade real deles. Essa forma de retratação tem muito a ver com a abordagem escolhida pelo autor, com um viés mais caricato do fenômeno dos yankees, ao mesmo tempo sendo utilizado

como uma espécie de piada, recordando que o mangá oscila entre momentos mais sérios e momentos de comédia.

Um outro ponto em comum a todos é a classe social. Todos são oriundos de famílias operárias ou de classes mais baixas. E ainda há uma forte demonstração de lealdade e amizade entre os personagens. Apesar que todos lutam entre si para alcançar um suposto posto de “aluno mais forte”, tanto da escola quanto da cidade, a abordagem do mangaká é expor que, ainda que seja certo personagem seja o mais forte, ele não terá muitas coisas importantes se não tiver amigos. Essa é uma questão amplamente discutida através do protagonista, o qual sempre está fazendo novos amigos, mesmo após de derrotá-los.

Figura 15 – Bouya reflete em preferir ser um corvo a ser um pássaro engaiolado



Fonte – Hiroshi Takahashi, 1990

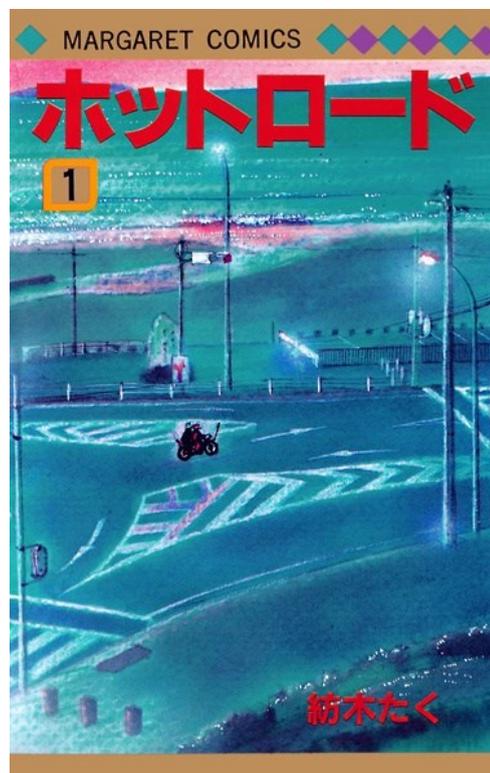
Nessa linha, um último ponto que é importante e deve ser destacado, é a metáfora utilizada por Bouya. Para ele, está tudo bem ser um corvo, pois é muito melhor que ser um pássaro engaiolado e que esqueceu de como deve voar. É muito mais desejável ser um membro de uma gangue, que é estigmatizada, atribuída a crimes e com repercussão negativa, do que reprimir-se a si mesmo dentro de uma sociedade opressora.

Isso posto, acaba interligando-se diretamente a discussão anterior no presente trabalho quanto a repressão na sociedade japonesa frente a juventude, tanto na metade do século XX quando nos anos 2000. Essa constatação e reflexão pode ser fortemente

relacionado ao sentimento de inadequação dos delinquentes, nesse caso, em relação “fazer parte da sociedade”, porque há uma classe dominante que imputa um comportamento desviante a indivíduos, independentemente de quais foram de fato suas ações.

A quarta obra a ser analisada é “Hot Road”, com roteiro e arte de Tsumugi Taku. Publicada entre 1985 e 1987, com o total de 4 volumes e 18 capítulos, na revista shoujo mensal Bessatsu Margaret, da editora Shueisha, a obra contém temas de drama e romance (MyAnimeList, 20--). Trata-se de um mangá mais antigo que os anteriores, publicado em uma revista shoujo. Licenciado no ocidente somente na Itália pela editora Dynit Manga. No Brasil, até então, nenhuma editora licenciou.

Figura 16 – Capa original do primeiro volume do mangá "Hot Road"



Fonte – MyAnimeList, 20--

A protagonista, Kazuki Miyaichi, é uma estudante de 14 anos, e sempre sentiu uma barreira entre ela e sua mãe porque seu pai, que morreu quando ela ainda era criança, era alguém que sua mãe odiava. Por essa razão, ela não era uma filha nascida em um local de afeto. Um dia, Kazuki é convencida por uma amiga a conhecer a namorada do chefe da gangue bosozoku "NIGHTS", Hiroko. E nessa gangue, ela conhece um adolescente chamado Haruyama.

A protagonista, logo de início, é levada para uma delegacia, por ter furtado uma caneta de 300 ienes de uma loja. É liberada logo em seguida, após a comunicação à sua

escola. Ao chegar em casa, a mãe de Kazuki não esboça nenhuma grande reação. Sua relação com a mãe também é conturbada, por conta do ódio da mãe contra o pai dela, já falecido. Portanto, ela se sente rejeitada. Ao conhecer uma gangue de motoqueiros através de uma amiga e conhece um Haruyama, um dos membros bosozoku do NIGHTS.

Figura 17 – Kazuki é rejeitada pela mãe<sup>11</sup>

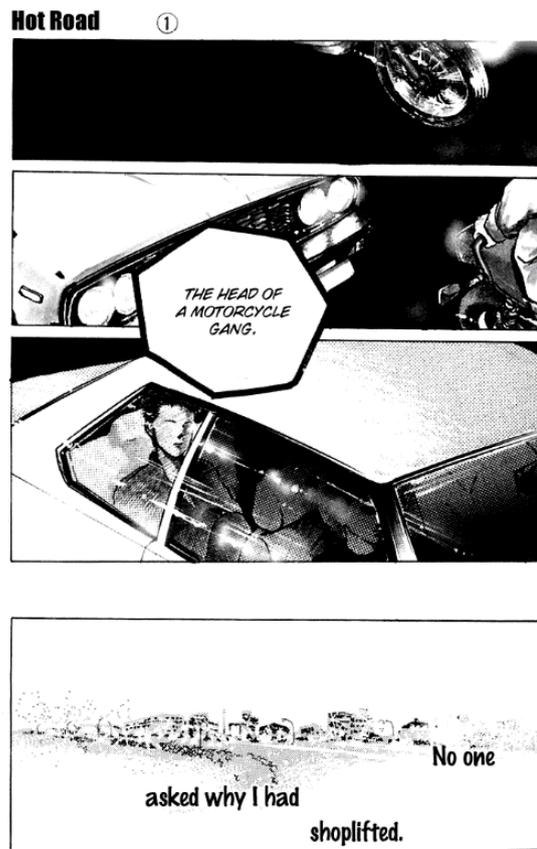


Fonte – Taku Tsugumi, 1985

A protagonista é solitária, tem um relacionamento conturbado com a mãe e não interage muito com outros alunos na escola. Mas acaba encontrando conforto e sentimento de pertencimento a conhecer a gangue. Também acaba se apaixonando por Haruyama e a partir desses desdobramentos, decide mudar a si própria. Apesar da estigmatização do grupo, Kazuki tem um sentimento de paz na gangue, pois ela se sente negligenciada e alheia na própria casa, por conta da relação com a mãe.

<sup>11</sup> Tradução da página, do inglês: "Ela está de bom humor hoje/O jantar de hoje é... Camarão frito. Dois minutos... No microondas, ok?/Mesmo que ela tenha 35 anos... Essa pessoa... Está sempre de mau humor.../Cocô... /sempre a princesa.../Haha.../e é sempre egoísta.../Você é uma criança tão desagradável.../Nos dias que ela se encontra com o namorado, ela sempre escuta essa música."

Figura 18 – Kazuki reflete sobre não ter sido mal julgada<sup>12</sup>



Fonte – Taku Tsugumi, 1985

A mãe da Kazuki tem um caso amoroso com um homem casado, e de acordo com suspeitas da Kazuki, o aluguel da casa é supostamente pago por esse homem. Haruyama, interesse amoroso da protagonista e posterior namorado, também compartilha de um sentimento de solidão familiar um pouco semelhante a protagonista: A mãe é casada com um homem que não é seu pai, e sim padrasto. Ele tem um irmão mais novo, fruto da nova relação da mãe, porém não se sente parte da família por conta da falta de relação sanguínea. O seu sentimento de inadequação dar lugar a procura por dinheiro, para então conseguir sustentar sua mãe por conta própria, além da entrada na gangue.

Aqui, também há uma similaridade de questão comparado aos outros casos. A entrada a gangue boso-zoku, ou “ser um delinquente”, tem muito a ver com um sentimento de inadequação à sociedade japonesa. De alguma forma, esses personagens já são considerados como desviantes de normas sociais impostas, sejam por serem mais desfavorecidos economicamente e por conta de famílias mais desestruturadas, por exemplo.

A sensação de desconformidade com a comunidade, está presente nos quatro mangás, de certa forma. E o sentimento de pertencer a um lugar e a uma instituição tem muito

<sup>12</sup> Tradução da página, do inglês: “O líder da gangue de motocicleta/Ninguém perguntou por que eu furtei.”

mais relação em encontrar indivíduos semelhantes, do que estar submetido ao contexto repressivo. Embora nem todas as obras tratadas no presente trabalho tenham faticamente uma força policial que impute um crime a um dos personagens (com exceção de Bakuon Rettou), há uma força moral muito forte sobre a população. Sendo assim, a transgressão dessa moral, apesar de não necessariamente ser tipificado penalmente, comporta-se quase como um crime em si, devido a intolerância social em caso de descumprimento.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho propôs a realizar um estudo multidisciplinar entre diferentes áreas do conhecimento, através de uma abrangente revisão bibliográfica. Propôs-se a realizar uma investigação de adolescentes delinquentes yankee e bosozoku, através das narrativas dos mangás japoneses. Em conclusão, comprovou-se que existe sim uma correlação entre uma natureza de vulnerabilidade social e econômica entre estes adolescentes, a partir da análise de mangás japoneses com essa temática, utilizando como teoria de estudo a criminologia crítica.

Assim como na hipótese inicial apresentada no presente trabalho, os personagens analisados nas quatro obras, com tais características muito típicas aos arquétipos yankee, tem diversos pontos em comum. Problemáticas familiares são muito pertinentes em Bakuon Rettou e Hot Road, por exemplo. Problemas sociais e financeiros são temas recorrentes em ambos também, apesar de serem observados em Crows e modo menos pertinente em Yu Yu Hakusho.

Por intermédio da análise de alguns personagens nos mangás de Yu Yu Hakusho, Bakuon Rettou, Crows e Hot Road, foi constatado que esse imaginário coletivo, formado principalmente pelas mídias, reverberou também nas obras. Seus respectivos personagens, ainda que com abordagens distintas entre os mangakás, seja uma abordagem mais dramática, de aventura ou comédia, expõem elementos dessa imagem coletiva e uma certa seletividade para com essas figuras.

Nessa senda, constatou-se que, a fragilidade social desses personagens, todavia nos protagonistas, é maior em comparação a outros arquétipos costumeiros de outros personagens em outras narrativas. Por intermédio da observância das problemáticas sociais, concluiu-se que a inferência desses personagens a atos criminosos decorre por estes serem oriundos de grupos marginalizados da sociedade. E seletividade criminal da sociedade para com esses grupos é a ferramenta principal para realizar a manutenção das classes burguesas, ainda que cometam atos delituosos, em detrimento de um sistema que marginalize tais grupos.

Em conclusão, a pesquisa contribuiu, de modo significativo, para a produção de um relevante material teórico sobre os temas, utilizando a multidisciplinaridade entre as áreas. A partir da ótica de criminologia crítica, conclui-se que a teoria do sujeito delinquente é veementemente localizada nas obras, como um sujeito anormal e que deve ser criminalizado, a despeito de suas desigualdades, para manter um *status quo* pelas classes dominantes através do sistema punitivo.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Filipe Velho Velho; DE MELO, Aleksandra Helena Gonçalves. "**Acorrentados ao ritmo**": Críticas da cultura pop ao direito. *Anais do CIDIL*, 2022.
- ALVAREZ, Marcos César. A criminologia no Brasil ou como tratar desigualmente os desiguais. *Dados*, [S.L.], v. 45, n. 4, p. 677-704, 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0011-52582002000400005>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/d4KLZKMGQfhyGhVRhwBVRkp/#>. Acesso em: 25 maio 2024.
- ANDRADE, Vera Regina Pereira de. Do paradigma etiológico ao paradigma da reação social: mudança e permanência de paradigmas criminológicos na ciência e no senso comum. *Seqüência Estudos Jurídicos e Políticos*, Florianópolis, v. 16, n. 30, p. 24–36, 1995. DOI: 10.5007/%x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/view/15819>. Acesso em: 26 maio. 2024.
- ANDRADE, Vera Regina Pereira de. **Pelas mãos da criminologia**: o controle penal para além da (des)ilusão. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2012. 416 p. (Coleção Pensamento Criminológico).
- ANITUA, Gabriel Ignácio. **História dos pensamentos criminológicos**. Rio de Janeiro: Editora Revan - Instituto Carioca de Criminologia, 2008. 944 p. (Coleção Pensamento Criminológico). Tradução de Sérgio Lamarão.
- BARATTA, Alessandro. **Criminologia Crítica e Crítica do Direito Penal**: Introdução à sociologia do direito penal. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Revan: Instituto Carioca de Criminologia, 2011. 256 p. Tradução Juarez Cirino dos Santos.
- BARBOSA, Fernando. Frenologia. In: MAIA, Rui Leandro; NUNES, Laura M.; CARIDADE, Sônia; SANI, Ana Isabel; ESTRADA, Rui; NOGUEIRA, Cristiano; FERNANDES, Hélder; AFONSO, Lígia (org.). **Dicionário crime, justiça e sociedade**. Lisboa: Edições Sílabo, 2016. p. 230-231. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/125906>. Acesso em: 29 jun. 2024.
- BATISTELLA, Danielly. **Palavras e Imagens**: a transposição do mangá para o anime no brasil. 2014. 286 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- Biblioteca Brasileira de Mangás. **JBC reimprimirá “Yu Yu Hakusho”**. 2022. Elaborado por Kyon. Disponível em: <https://blogbbm.com/2022/11/15/jbc-reimprimira-yu-yu-hakusho/>. Acesso em: 27 maio 2024.
- Biblioteca Brasileira de Mangás. **Números do mercado brasileiro de mangás em 2023**. 2024. Elaborado por Kyon. Disponível em: <https://blogbbm.com/2024/01/02/numeros-do-mercado-brasileiro-de-mangas-em-2023/>. Acesso em: 15 maio. 2024.
- Britannica. **Ukiyo-e**: Japanese art. 2024. Escrito por The Editors of Encyclopaedia Britannica. Disponível em: <https://www.britannica.com/art/ukiyo-e>. Acesso em: 30 jun. 2024.

CAPEZ, Fernando. **Curso de Direito Penal**: volume 1, parte geral. 16. ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

CASTRO, Lola Aniyar de. **Criminologia da Reação Social**. Rio de Janeiro: Forense, 1983. 351 p. Tradução de Ester Kosobski.

CASTRO, Lola Aniyar de; CODINO, Rodrigo. **Manual de Criminologia Sociopolítica**. Tradução de Amina Vergara. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2017. 552 p. (Coleção Pensamento Criminológico). Reimpressão.

D'ORANGEVILLE, Akané. Stigmatisation de la jeunesse japonaise par le discours et les représentations de la délinquance juvénile (1997-2010). **Hors-Thème**, [S.L.], v. 38, n. 1, p. 265-282, 10 jul. 2014. Consortium Erudit. <http://dx.doi.org/10.7202/1025817ar>.

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. 3. ed. São Paulo: Martins Fonte, 2007. (Coleção Tópicos). Tradução Paulo Neves, revisão da tradução Eduardo Brandão.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1989. Tradução de Luís Carlos Borges.

FRIEDMAN, Lawrence M.. Law, Lawyers, and Popular Culture. In: SHERWIN, Richard K. (ed.). **Popular Culture and Law**. London: Routledge, 2006. Cap. 1. p. 1579-1606.

FUJIWARA, Erika. **An Analysis of Contemporary Manga Culture in Japan and Sweden with a study of the works of Naoki Urasawa**. 2010. 59 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Visual Culture, Division Of Art History And Visual Studies, Lunds Universitet, 2010.

GARLAND, David. **A cultura do Controle: crime e ordem social na sociedade contemporânea**. Tradução de André Nascimento. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2008. 440 p. (Coleção Pensamento Criminológico). Reimpressão.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GILL, Tom. Review of Bad Youth: juvenile delinquency and the politics of everyday in modern japan. **The Journal of Japanese Studies**. p. 410-415. 2008.

HIRATA, Tatiane. **MANGÁ: Do Japão ao mundo pela prática midiática do scanlation**. 2012. 148f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2012.

HOKUSAI, Katsushika. Under the Wave off Kanagawa (Kanagawa oki nami ura). 1830-1832. 1 gravura. 1200x87 pixels. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/45434>. Acesso em: 23 de outubro de 2023.

Japan Avenue. **The History of Manga and its Origins**. 20---. Disponível em: [https://japan-avenue.com/blogs/japan/history-of-manga#:~:text=The%20origins%20of%20the%20manga,\"manga\"%20for%20his%20sketchbooks..](https://japan-avenue.com/blogs/japan/history-of-manga#:~:text=The%20origins%20of%20the%20manga,\) Acesso em: 29 jun. 2024.

JUNJI, Hotta. **A Brief History of Juvenile Delinquency via Manga, from “Be-Bop High School” to “Tokyo Revengers”**. Nippon.com, 2023. Disponível em: <https://www.nippon.com/en/japan-topics/c11906/>. Acesso em: 03 jun. 2024.

KOYAMA-RICHARD, Brigitte. **Mil anos de Mangá**. São Paulo: Estação Liberdade, 2022. 272 p. Tradução de Nícia Adan Bonatti.

LIMA, L. S.; FLORES, J. A. V.; DE AZEVEDO, C. T. O ENSINO DE ARTE E AS Histórias em Quadrinhos (HQ): A arte sequencial e o desenvolvimento gráfico. **Palíndromo**, Florianópolis, v. 7, n. 14, p. 027-044, 2015. DOI: 10.5965/2175234607142015027. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/6779>. Acesso em: 4 set. 2023.

LUYTEN, Sonia Bide. **Mangá: o poder dos quadrinhos japoneses**. 3. ed. São Paulo: Editora Hedra, 2011. 222 p.

LUYTEN, Sonia M. Bibe. Mangá e animê: ícones da cultura pop japonesa. **Fundação Japão em São Paulo**. São Paulo, p. 1-11. 18 mar. 2014. Disponível em: [https://fjisp.org.br/estudos-japoneses/artigo/manga\\_anime\\_sonia\\_luyten/](https://fjisp.org.br/estudos-japoneses/artigo/manga_anime_sonia_luyten/). Acesso em: 22 out. 2023.

MOLINÉ, Alfons. **O grande livro dos mangás**. São Paulo: Editora JBC, 2008. 226 p.

MyAnimeList. **Bakuon Rettou**. Disponível em: [https://myanimelist.net/manga/10443/Bakuon\\_Rettou](https://myanimelist.net/manga/10443/Bakuon_Rettou). Acesso em: 02 jun. 2024.

MyAnimeList. **Crows**. Disponível em: <https://myanimelist.net/manga/5651/Crows>. Acesso em: 04 jun. 2024.

MyAnimeList. **Hot Road**. Disponível em: [https://myanimelist.net/manga/10766/Hot\\_Road](https://myanimelist.net/manga/10766/Hot_Road). Acesso em: 05 jun. 2024.

MyAnimeList. **Tetsuwan Atom**. Disponível em: [https://myanimelist.net/manga/728/Tetsuwan\\_Atom/pics](https://myanimelist.net/manga/728/Tetsuwan_Atom/pics). Acesso em: 04 jun. 2024.

MyAnimeList. **Yuu★Yuu★Hakusho**. Disponível em: <https://myanimelist.net/manga/53/Yuu★Yuu★Hakusho>. Acesso em: 26 maio 2024.

OECD Better Life Index. **Japão**. 20---. Disponível em: <https://www.oecdbetterlifeindex.org/pt/paises/japan-pt/>. Acesso em: 30 jun. 2024.

ORTIZ, Renato. A Escola de Frankfurt e a Questão da Cultura. **Revista Sociologia em Rede**, [S. l.], v. 6, n. 06, 2023. Disponível em: <https://redelp.net/index.php/rsr/article/view/1177>. Acesso em: 22 maio. 2024.

RIESSLAND, Andreas. The Public Perception of the Bōsōzoku in Japan. **Research Papers of the Anthropological Institute**. P. 201-216. 2013.

SABBATINI, Renato M. E. Craniologia: a pseudociência médica. **Revista Ser Médico**, São Paulo, v. 56, p. 1-3, set. 2011.

SANTOS, André Noro dos. **A cultura otaku no Brasil: Da obsessão à criação de um Japão imaginado**. 2017. 223f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2017.

SATO, Cristiane A. **JAPOPOP: o poder da cultura pop japonesa**. São Paulo: Nsp-Hakkosha, 2007. 352 p.

SATO, Ikuya. **Play Theory of Delinquency: Toward a General Theory of 'Action'**. *Symbolic Interaction*, vol. 11, no. 2, 1988, pp. 191–212. JSTOR. Disponível em: <https://doi.org/10.1525/si.1988.11.2.191>. Acesso em: 06 set. 2023.

SILVA, Larissa Medeiros da; GUGLIELMETTI, Letícia Abrão; FAZIO, Luísa Helena Marques de. O PAPEL SOCIAL DA PENA: as funções do punir conforme os postulados da criminologia. **Revista Interciência: IMES Catanduva**, Catanduva, v. 1, n. 4, p. 51-56, jul. 2020. Disponível em: <https://www.fafica.br/revista/index.php/interciencia/article/view/159>. Acesso em: 26 maio 2024.

SHECAIRA, Sérgio Salomão. **Criminologia**. 3. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2011.

TAKAHASHI, Hiroshi. **Crows**. Tóquio: Akita Shoten, 1990.

TAKAHASHI, Tsutomu. **Bakuon Rettou**. Tóquio: Kodansha, 2002.

TAKUMA, Shimpei; TAKIZAWA, Kiyoto; CHIBA, M.D., Yasunori; NOGUCHI, Kaoru. Psychological studies in bosozoku--An interim report. **IATSS research**, v. 1, n. 1, p. 3-22, 1977.

TOGASHI, Yoshihiro. **Yu Yu Hakusho**. São Paulo: JBC, 2002a. (Volume 1).

TOGASHI, Yoshihiro. **Yu Yu Hakusho**. São Paulo: JBC, 2002b. (Volume 2).

TSUMUGI, Taku. **Hot Road**. Tóquio: Shueisha, 1985.